Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE):

da estratégia ao Segundo Cérebro Organizacional

Como transformar atividades operacionais em conhecimento, apoiar a tomada de decisão e fortalecer a capacidade das organizações de alcançar seus objetivos.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Resumo

Este artigo apresenta a Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE), modelo de gestão desenvolvido pela t-Risk para conectar objetivos estratégicos, processos e atividades operacionais por meio de um ciclo contínuo de produção, contextualização e análise de evidências, construção de conhecimento organizacional, apoio à tomada de decisão e melhoria contínua. A reflexão parte da distância entre o planejamento estratégico e a realidade da execução, agravada pela fragmentação das informações e pela dificuldade de aproveitar o conhecimento acumulado pelos profissionais. Por meio de uma abordagem conceitual e técnico-institucional, são examinadas as distinções entre dados, informações, evidências e conhecimento; a ampliação da função dos checklists como instrumentos de produção de evidências; a integração da GOE com o ciclo PDCA; e a proposta de construção de um Segundo Cérebro Organizacional, entendido como capacidade institucional de preservar, relacionar, recuperar e reutilizar conhecimentos. O artigo apresenta o t-Risk Easy como infraestrutura tecnológica de apoio à operacionalização da GOE e a inteligência artificial Vision Pro como recurso de assistência à preparação das verificações e à interpretação das informações. Destaca-se a importância da confiabilidade das evidências, da governança e da responsabilidade humana pelas decisões. Conclui-se que a principal contribuição da GOE está em fortalecer a capacidade das organizações de transformar experiências operacionais em conhecimento estruturado, decisões fundamentadas e melhorias cuja implementação possa ser acompanhada e cuja efetividade possa ser avaliada.

Palavras-chave

Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE); Evidências operacionais; Gestão do conhecimento; Segundo Cérebro Organizacional; Melhoria contínua; Inteligência artificial.

Abstract

This article presents Evidence-Oriented Operational Management (GOE, from the Portuguese Gestão Operacional Orientada por Evidências), a management model developed by t-Risk to connect strategic objectives, processes, and operational activities through a continuous cycle of evidence generation, contextualization and analysis, organizational knowledge development, decision-making support, and continuous improvement. The discussion addresses the gap between strategic planning and operational execution, compounded by fragmented information and the difficulty of leveraging knowledge accumulated by professionals. Using a conceptual and technical-institutional approach, the article examines the distinctions between data, information, evidence, and knowledge; the expanded role of checklists as instruments for generating operational evidence; the integration of GOE with the Plan-Do-Check-Act (PDCA) cycle; and the proposed development of an Organizational Second Brain, understood as an institutional capability to preserve, connect, retrieve, and reuse knowledge. The article presents t-Risk Easy as the technological infrastructure supporting the operational application of GOE and Vision Pro as an artificial intelligence system that assists in preparing operational assessments and interpreting information. It emphasizes the importance of reliable evidence, governance, and human accountability for decisions. The article concludes that GOE's principal contribution lies in strengthening organizations' ability to transform operational experience into structured knowledge, informed decisions, and improvements whose implementation can be monitored and whose effectiveness can be evaluated.

SUMÁRIO

Introdução 8

Capítulo 1 – Da Estratégia à Realidade Operacional 11

1.1. A distância entre a estratégia planejada e a realidade operacional 11

Capítulo 2 – Dos Dados ao Conhecimento Organizacional 15

2.1. O conhecimento que as organizações produzem, mas não conseguem aproveitar 15

Capítulo 3 – O Nascimento da GOE 21

3.1. Nasce a Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) 21

3.2. Conectando estratégia, operação e conhecimento 22

3.3. Um modelo de gestão, não apenas uma tecnologia 23

3.4. O princípio orientador da GOE 24

Capítulo 4 – Segundo Cérebro Organizacional 27

4.1. A construção de um Segundo Cérebro Organizacional 27

4.2. Da memória individual à memória organizacional 27

4.3. Uma memória que ganha valor com o tempo 28

4.4. O conhecimento da operação a serviço da tomada de decisão 31

4.5. Inteligência artificial, confiabilidade e governança 32

4.6. Uma organização capaz de aprender com a própria história 33

Capítulo 5 – GOE e o Ciclo PDCA 36

5.1. Como funciona o modelo GOE e sua integração com o PDCA 36

5.2. O ciclo da GOE: planejar, executar, evidenciar, interpretar, decidir e evoluir 36

5.3. Evidências no centro do modelo conceitual 38

5.4. A integração da GOE com o ciclo PDCA 39

5.5. Complementaridade com sistemas de gestão e referenciais técnicos 41

5.6. Da correção de problemas à aprendizagem contínua 42

Capítulo 6 – Do Checklist ao Conhecimento que Gera Valor 45

6.1. Do checklist à gestão do conhecimento 45

6.2. O checklist como ponto de partida, não como resultado final 45

6.3. Perguntas simples, informações relevantes 47

6.4. Da resposta registrada à evidência confiável 48

6.5. Quando uma verificação operacional passa a produzir conhecimento 49

6.6. Das ocorrências isoladas à inteligência operacional 50

6.7. Da execução em campo à decisão gerencial 51

6.8. O verdadeiro valor está no que a organização aprende 52

Capítulo 7 – t-Risk Easy: da Curadoria à Decisão.....55
7.1. O t-Risk Easy como infraestrutura operacional da GOE 55
7.2. Planejamento e curadoria: a qualidade começa antes da inspeção 56
7.3. Execução em campo: simplicidade operacional e consistência dos registros.....57
7.4. Produção de evidências: da observação ao registro confiável.....58
7.5. Da não conformidade ao acompanhamento e à validação das ações 59
7.6. Da inspeção individual à informação gerencial 61
7.7. Diferentes responsabilidades, um mesmo ciclo de gestão 62
7.8. Tecnologia a serviço da gestão do conhecimento.....63

Capítulo 8 – Vision Pro no Ciclo da GOE 66
8.1. Vision Pro: inteligência artificial a serviço do conhecimento e da decisão 66
8.2. Uma inteligência artificial orientada pelo contexto da gestão.....66
8.3. Antes da operação: apoio à preparação das verificações 68
8.4. Durante a execução: orientação e clareza dos registros 68
8.5. Da evidência à análise: interpretação sem alterar os fatos.....69
8.6. Apoio à decisão: recomendações não são determinações.....71
8.7. Inteligência artificial e memória organizacional.....72
8.8. Governança, proteção das informações e supervisão humana 73
8.9. O valor da IA está no conhecimento que ajuda a aproveitar 74

Capítulo 9 – A Organização que aprende com a Operação 77
9.1. Uma organização que aprende com sua própria operação.....77
9.2. Quando a operação passa a contribuir para a estratégia.....77
9.3. Aprender significa transformar conhecimento em mudança 79
9.4. A cultura de evidências começa pelas pessoas e pela liderança.....80
9.5. Uma transformação que pode começar de forma gradual 81
9.6. Evidências e conhecimento como patrimônio organizacional 82
9.7. Uma perspectiva complementar sobre a maturidade operacional.....83
9.8. O futuro da gestão começa na realidade de cada organização.....85

Apêndice A – Leituras e referenciais recomendados para aprofundamento 88
A.1 – Origem e desenvolvimento do modelo GOE 88
A.2 – Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional.....89
A.3 – Gestão baseada em evidências e melhoria contínua 90
A.4 – Normas internacionais de gestão, riscos, qualidade e auditoria.....90
A.5 – Governança e utilização responsável da inteligência artificial 91
A.6 – Considerações finais sobre os referenciais.....92

Sobre a Plataforma t-Risk

A **Plataforma t-Risk** é uma solução SaaS disponível desde 2015, projetada para transformar a **gestão de riscos nas organizações**. Ela combina inovação tecnológica com as melhores práticas normativas globais, especialmente as diretrizes das **normas ISO 31000, ISO 31050 e 31010**. Totalmente alinhada aos padrões internacionais, a t-Risk oferece uma **abordagem analítica e prática**, auxiliando as empresas em todas as etapas da gestão de riscos corporativos: **identificação, análise, avaliação, priorização e tratamento**. Disponível em português, espanhol e inglês, a plataforma **aumenta em até 80% a produtividade do processo de gestão de riscos**, entregando eficiência e precisão.

Com funcionalidades avançadas, a t-Risk integra **inteligência artificial** e oferece módulos robustos, como **GRC** (Gestão de Riscos Corporativo), **APR** (Análise Preliminar de Riscos), **MBC** (Módulo de *Background Check*), **MAM** (Módulo de Avaliação de Maturidade em Gestão de Riscos) e **OEA** (Operador Econômico Autorizado), AVSEC (Gestão de Riscos na Aviação Civil), além de um **Painel de Indicadores** (BI) e um **APP Mobile**. O **módulo 5W2H** permite um acompanhamento detalhado de projetos, tarefas e controles, com e-mails automáticos, garantindo que os riscos permaneçam dentro do apetite de risco da organização.

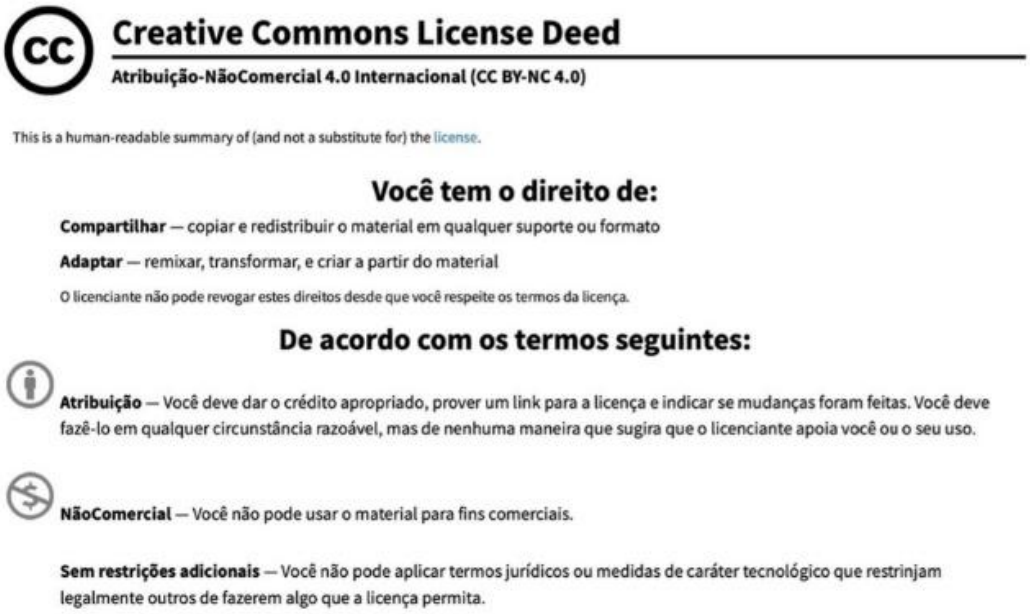
Além de **fortalecer o *Compliance* e otimizar processos**, a t-Risk capacita seus clientes a transformarem desafios em oportunidades, oferecendo **insights valiosos para decisões estratégicas**. Seja para fortalecer a resiliência organizacional ou impulsionar o crescimento sustentável, a t-Risk é **uma aliada indispensável para enfrentar um cenário de riscos** cada vez mais dinâmico e complexo.

Descubra como a t-Risk pode revolucionar a gestão de riscos na sua organização. Explore o poder de nossas soluções e **fortaleça sua estratégia de gestão de riscos com uma ferramenta que vai além da tecnologia**: uma verdadeira parceira na sua jornada de transformação.



Licença de Distribuição

Clique na imagem abaixo para acessar.



Creative Commons License Deed

Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)

This is a human-readable summary of (and not a substitute for) the license.

Você tem o direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

NãoComercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

Introdução

As organizações produzem diariamente informações sobre o funcionamento de seus processos, a execução de suas atividades e as condições de aplicação de seus controles. Inspeções, auditorias, verificações operacionais e experiências acumuladas pelos profissionais constituem fontes relevantes de registros e observações que, entretanto, nem sempre são aproveitados sistematicamente pela gestão.

Embora a transformação digital tenha ampliado a capacidade de registrar, armazenar e disponibilizar informações, permanece um desafio fundamental: **compreender aquilo que efetivamente acontece nas operações e utilizar esse conhecimento para apoiar decisões, aperfeiçoar processos e contribuir para os objetivos estratégicos.**

A disponibilidade de informações, por si só, não resolve esse desafio. Registros operacionais não constituem necessariamente evidências confiáveis, assim como a existência de evidências não garante sua interpretação adequada ou sua utilização na tomada de decisão.

A superação dessa dificuldade exige mais do que tecnologia. Pressupõe uma abordagem capaz de conectar estratégia, processos, pessoas e atividades operacionais a mecanismos estruturados de produção de evidências, construção de conhecimento organizacional e melhoria contínua.

É nesse contexto que a **t-Risk desenvolveu a Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE)**, modelo concebido para fortalecer a conexão entre a realidade operacional e os processos gerenciais e estratégicos das organizações.

A GOE parte do reconhecimento de que as atividades cotidianas não representam apenas a execução de procedimentos e controles. Elas também oferecem oportunidades de produzir evidências relevantes, preservar experiências e construir conhecimentos capazes de contribuir para decisões mais fundamentadas.

Essa perspectiva aproxima a gestão operacional da gestão do conhecimento e da proposta de construção de um **Segundo Cérebro Organizacional**, entendido como uma capacidade institucional de preservar, organizar, relacionar, recuperar e utilizar conhecimentos acumulados pela própria organização. O conceito é desenvolvido por analogia à ideia de *Second Brain*, originalmente aplicada à organização pessoal do conhecimento.

Para apoiar a aplicação prática da GOE, a t-Risk desenvolveu o **t-Risk Easy**, solução tecnológica que integra verificações operacionais, registros de evidências, não

conformidades, planos de ação e informações gerenciais. A inteligência artificial **Vision Pro** complementa essa proposta, oferecendo assistência à preparação das verificações e à interpretação das informações, preservando o julgamento e a responsabilidade humana pelas decisões.

Este artigo apresenta os fundamentos da GOE, sua relação com a gestão do conhecimento, sua integração com o ciclo PDCA e sua contribuição para a aprendizagem e a melhoria contínua. Examina também o papel do t-Risk Easy e da Vision Pro como recursos tecnológicos de apoio à aplicação desse modelo.

Mais do que apresentar as funcionalidades de uma plataforma, o objetivo é discutir uma perspectiva sobre a evolução da gestão organizacional: **a possibilidade de transformar experiências produzidas diariamente pelas pessoas em um patrimônio de conhecimento capaz de fundamentar decisões e fortalecer a aprendizagem institucional.**

Para compreender o alcance dessa proposta, o ponto de partida é examinar uma dificuldade recorrente da gestão: **a distância entre aquilo que as organizações planejam e o que efetivamente acontece na execução de seus processos.**

CAPÍTULO 01

Da Estratégia à Realidade Operacional

Como a execução cotidiana se conecta aos objetivos da organização.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 1 – Da Estratégia à Realidade Operacional

1.1. A distância entre a estratégia planejada e a realidade operacional

Toda organização estabelece objetivos, desenvolve estratégias e estrutura processos para alcançar os resultados desejados. Essas estratégias se desdobram em processos, responsabilidades, procedimentos e controles que orientam o funcionamento da organização.

Os processos, por sua vez, atravessam diferentes áreas e níveis da estrutura organizacional e se materializam nas atividades executadas diariamente pelas pessoas. É nesse conjunto de atividades, decisões, verificações e interações que a estratégia efetivamente ganha vida.

Em organizações de maior porte, essa dinâmica pode envolver milhares de profissionais, distribuídos em diferentes unidades, funções e níveis hierárquicos, cujas atividades individuais e coletivas contribuem para os resultados organizacionais.

Entretanto, existe uma questão fundamental que acompanha a gestão das organizações: **até que ponto aquilo que foi planejado corresponde ao que efetivamente acontece na operação?**

Ao final de um ciclo de planejamento ou de avaliação de desempenho, os resultados alcançados podem apresentar diferenças significativas em relação aos objetivos inicialmente estabelecidos. Essas diferenças são analisadas em reuniões executivas, comitês de gestão e conselhos de administração, que procuram compreender suas causas e definir os ajustes necessários.

As análises costumam considerar indicadores de desempenho, resultados financeiros, condições de mercado, decisões estratégicas e a efetividade dos processos organizacionais. Embora essas informações sejam indispensáveis, nem sempre permitem reconstruir, com a profundidade necessária, o que efetivamente aconteceu durante a execução das atividades que contribuíram para os resultados observados.

Uma estratégia pode ser adequada, mas encontrar dificuldades em sua implementação. Um processo pode estar corretamente estruturado, mas apresentar falhas recorrentes em determinadas unidades. Um controle pode existir formalmente, mas não funcionar conforme o planejado. Da mesma forma, mudanças no ambiente externo podem comprometer resultados mesmo quando os processos são executados adequadamente.

Em organizações com centenas ou milhares de profissionais, essas situações podem ocorrer simultaneamente em diferentes ambientes, produzindo efeitos que nem sempre são percebidos ou compreendidos a tempo de orientar medidas corretivas.

> *O desafio, portanto, não está apenas em identificar a distância entre os resultados esperados e os resultados alcançados. Está em compreender, com base em evidências confiáveis, os fatores que podem ter contribuído para essa diferença.*

Parte importante dessa dificuldade decorre das barreiras de comunicação e integração entre áreas, processos e níveis hierárquicos. Profissionais responsáveis pela execução das atividades cotidianas frequentemente observam falhas, vulnerabilidades, oportunidades de melhoria e mudanças nas condições operacionais que não chegam à gestão de maneira estruturada.

Esses profissionais acumulam experiências e desenvolvem conhecimentos valiosos sobre o funcionamento real da organização. Entretanto, nem sempre dispõem de instrumentos adequados para transformar suas observações em informações compreensíveis, contextualizadas e úteis aos níveis responsáveis pela tomada de decisão.

Parte desse conhecimento permanece na experiência individual dos colaboradores, em comunicações informais ou em registros dispersos entre departamentos e sistemas. Com isso, informações relevantes deixam de contribuir para a compreensão dos processos, enquanto decisões gerenciais podem ser tomadas sem acesso a uma parcela importante da realidade operacional.

Essa situação evidencia um desafio que ultrapassa a simples coleta de dados: a necessidade de desenvolver mecanismos de **gestão do conhecimento** capazes de conectar a experiência acumulada pelas pessoas, os fatos observados nas operações e as informações utilizadas pelos gestores.

Mais do que acompanhar indicadores, as organizações precisam compreender acontecimentos, identificar padrões, preservar experiências e transformar informações operacionais, devidamente contextualizadas e analisadas, em conhecimento confiável para **apoiar a tomada de decisão**.



Figura 1 – A distância entre estratégia e execução.

Isso exige uma conexão permanente entre estratégia, processos, pessoas, execução e aprendizagem organizacional, permitindo que o conhecimento produzido na operação retorne à gestão e contribua para aperfeiçoar os próprios processos e estratégias.

Essa capacidade também abre caminho para a construção de uma memória organizacional estruturada, cumulativa e acessível, associada ao conceito de **Segundo Cérebro Organizacional *(Second Brain)*** – uma forma de preservar e mobilizar o conhecimento produzido pela própria organização para apoiar sua evolução.

Afinal, uma organização não evolui apenas porque identifica diferenças entre o planejado e o realizado. Ela evolui quando desenvolve a capacidade de compreender essas diferenças, aprender com suas experiências e utilizar o conhecimento acumulado para tomar decisões progressivamente mais bem fundamentadas.

O ponto de partida dessa transformação está em reconhecer que parte significativa do conhecimento necessário para melhorar a gestão pode ser encontrada nas experiências, observações e atividades realizadas diariamente pelas próprias pessoas que fazem a organização funcionar.

CAPÍTULO 02

Dos Dados ao Conhecimento Organizacional

Quando registros se transformam em informação, evidência e conhecimento.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 2 – Dos Dados ao Conhecimento Organizacional

2.1. O conhecimento que as organizações produzem, mas não conseguem aproveitar

Uma parte significativa do conhecimento de uma organização é produzida longe das reuniões executivas. Ela se desenvolve nas atividades, decisões, observações e experiências acumuladas diariamente pelos profissionais responsáveis pela execução de seus processos.

Todos os dias, esses profissionais identificam problemas, aplicam controles, solucionam dificuldades e reconhecem situações que ampliam sua compreensão sobre o funcionamento real da organização.
Entretanto, nem sempre essas experiências e informações são devidamente registradas, compartilhadas ou utilizadas para orientar decisões.

> *O paradoxo é que as organizações produzem informações e acumulam conhecimento continuamente, mas nem sempre conseguem transformar esse patrimônio disperso em conhecimento organizacional acessível e aproveitável.*

Parte importante desse conhecimento é formada pela experiência prática dos profissionais. Trata-se do chamado *conhecimento tácito*: aquele construído por meio da experiência, da observação, do julgamento e das habilidades individuais, nem sempre facilmente expresso ou transmitido por meio de palavras, procedimentos e documentos.

Um profissional experiente pode identificar sinais de falhas que não estão descritos nos procedimentos. Um supervisor reconhece dificuldades recorrentes que não aparecem nos indicadores consolidados. Um operador percebe mudanças no ambiente que podem comprometer a efetividade de determinado controle.

Essas percepções podem ser extremamente valiosas. Entretanto, quando permanecem restritas à memória individual ou às conversas informais, seu aproveitamento pela organização fica limitado.

A dificuldade se amplia diante da complexidade das estruturas organizacionais contemporâneas.

Em empresas com múltiplas unidades, departamentos, fornecedores e equipes distribuídas geograficamente, as informações percorrem diferentes caminhos antes de alcançar os níveis responsáveis pelas decisões. Durante esse percurso, situações

complexas podem ser excessivamente resumidas, observações relevantes podem perder seu contexto e conhecimentos importantes podem deixar de ser compartilhados.

Não se trata necessariamente de falta de competência ou comprometimento dos profissionais. Muitas vezes, aqueles que possuem o conhecimento mais próximo da realidade operacional não dispõem dos instrumentos, da linguagem gerencial ou dos canais adequados para compartilhá-lo de maneira estruturada.

Da mesma forma, gestores e executivos podem dispor de relatórios, indicadores e sistemas sofisticados sem conseguir acessar as experiências e circunstâncias que ajudam a explicar determinadas condições observadas na operação.

> *Surge, assim, uma assimetria de conhecimento entre quem vivencia os acontecimentos e quem precisa compreender seus efeitos para orientar decisões.*

Outro fator relevante é a rotatividade dos profissionais.

Quando uma pessoa muda de função, é transferida, se aposenta ou deixa a organização, parte de sua experiência pode deixar de estar disponível para os demais. Conhecimentos construídos durante anos, frequentemente associados a situações específicas, passam a depender de processos informais de transmissão entre colegas.

A organização pode preservar os procedimentos escritos, mas perder a compreensão das circunstâncias que levaram à sua criação, das dificuldades encontradas em sua aplicação e das soluções desenvolvidas ao longo do tempo.

Esse fenômeno compromete a continuidade do aprendizado organizacional, aumenta a dependência de conhecimentos individuais e pode favorecer a repetição de problemas anteriormente identificados e solucionados.

Preservar a memória organizacional, entretanto, não significa pretender registrar integralmente todo o conhecimento humano. Parte da experiência profissional é difícil de formalizar e permanece associada ao julgamento, às habilidades e à percepção das pessoas.

O desafio consiste em criar condições para que observações relevantes, experiências, decisões e seus respectivos contextos possam ser compartilhados e aproveitados pela organização, reduzindo a dependência exclusiva da memória individual, sem desconsiderar o valor da experiência humana.

A fragmentação das informações também dificulta o reconhecimento de padrões.

Considere uma organização com dezenas de unidades operacionais. Em diferentes locais, profissionais identificam falhas recorrentes em procedimentos de controle de acesso. Individualmente, cada ocorrência pode parecer pontual e receber uma solução específica.

Entretanto, quando essas situações são registradas de maneira consistente, contextualizadas e analisadas em conjunto, podem indicar uma fragilidade mais ampla, possivelmente relacionada ao desenho do processo, à capacitação das equipes, à disponibilidade de recursos ou à adequação dos controles existentes.

Essas relações precisam ser investigadas e validadas. A identificação de recorrências não comprova, por si só, suas causas, mas oferece elementos relevantes para orientar análises mais aprofundadas.

O valor, portanto, não está apenas no registro de cada ocorrência, mas na possibilidade de relacionar observações, identificar padrões, formular hipóteses fundamentadas e reconhecer oportunidades de melhoria que dificilmente seriam percebidas por meio de análises isoladas.

É nesse contexto que a **gestão do conhecimento** assume uma função estratégica.

Seu propósito não se limita a armazenar documentos ou organizar bases de dados. Envolve desenvolver processos para identificar, preservar, compartilhar, contextualizar, recuperar e utilizar conhecimentos relevantes, tornando-os acessíveis, de maneira adequada e segura, às pessoas e aos processos decisórios que deles necessitam.

Para compreender essa transformação, é importante distinguir quatro elementos relacionados, mas não equivalentes: **dados, informações, evidências e conhecimento**. Os dados representam registros de observações, acontecimentos, condições ou resultados. Quando organizados e contextualizados, podem ser transformados em informações úteis à compreensão de determinada realidade.

Essas informações, acompanhadas de elementos que permitam avaliar sua origem, autenticidade, integridade, pertinência e contexto, podem constituir evidências capazes de sustentar determinadas constatações e análises.

O conhecimento, por sua vez, desenvolve-se quando informações, evidências e experiências são interpretadas, relacionadas aos conhecimentos existentes e utilizadas para compreender situações, avaliar alternativas ou orientar ações.



Figura 2 – Dos dados ao conhecimento organizacional.

Uma fotografia, por exemplo, pode registrar determinada condição operacional. Entretanto, sua utilidade como evidência depende de fatores como contexto, autenticidade, relevância e relação com aquilo que se pretende verificar. Quando analisada em conjunto com outros registros e informações, pode contribuir para compreender um problema, avaliar um controle ou fundamentar uma decisão.

Essa transformação não acontece automaticamente. Depende da qualidade dos registros, de critérios consistentes de análise, de mecanismos de compartilhamento e da capacidade da organização de incorporar aquilo que aprende aos seus processos.

Assim, a gestão do conhecimento deixa de ser apenas uma iniciativa de documentação e passa a desempenhar um papel relevante na governança, na gestão de riscos, no fortalecimento dos controles e no **apoio à tomada de decisão**.

Quanto maior a capacidade de preservar, relacionar e recuperar experiências ao longo do tempo, melhores tendem a ser as condições para que a organização reconheça

recorrências, compreenda mudanças, avalie alternativas e formule decisões fundamentadas na realidade de suas operações.

A questão central, portanto, não é simplesmente produzir mais informações.

É desenvolver uma capacidade permanente de transformar conhecimentos e informações dispersos entre pessoas, processos e atividades em uma memória organizacional estruturada, acessível e continuamente enriquecida pelas experiências da própria operação.

> *O desafio é fazer com que aquilo que a organização aprende todos os dias deixe de depender exclusivamente da memória das pessoas ou de registros isolados e passe a contribuir, de maneira contínua, para sua inteligência coletiva e sua capacidade de decisão.*

Essa necessidade estabelece os fundamentos para um modelo de gestão capaz de conectar sistematicamente as atividades operacionais à produção de evidências, à construção do conhecimento organizacional e à melhoria contínua.

CAPÍTULO 03

O Nascimento da GOE

Um modelo para conectar estratégia, operação e aprendizagem.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 3 – O Nascimento da GOE

3.1. Nasce a Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE)

A necessidade de conectar a estratégia organizacional à realidade das operações, preservar o conhecimento produzido pelas pessoas e transformar evidências em decisões fundamentadas deu origem à **Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE)**, modelo de gestão concebido pela t-Risk.

Sua proposta parte de uma premissa fundamental: não basta que as organizações planejem, executem e controlem suas atividades. É necessário que desenvolvam a capacidade de aprender continuamente com aquilo que fazem.

> *A Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) é um modelo de gestão desenvolvido pela t-Risk para conectar objetivos estratégicos, processos e atividades operacionais a um ciclo contínuo de produção, contextualização e análise de evidências, construção de conhecimento organizacional, apoio à tomada de decisão e melhoria contínua.*

A GOE reconhece que as atividades operacionais representam oportunidades permanentes de produzir informações relevantes sobre o funcionamento da organização, especialmente quando envolvem inspeções, auditorias, verificações e controles.

Uma inspeção pode revelar uma vulnerabilidade. Uma auditoria pode identificar a insuficiência de determinado controle. Uma verificação rotineira pode registrar uma condição que, isoladamente, parece pouco significativa, mas que, quando relacionada a outras ocorrências, contribui para revelar padrões e tendências.

O valor potencial desses registros não se encerra na comprovação de que determinada atividade foi executada. Está na possibilidade de transformá-los em evidências confiáveis que, devidamente contextualizadas e analisadas, contribuam para compreender a realidade operacional e orientar decisões.

Isso representa uma mudança de perspectiva.

Os instrumentos tradicionais de verificação continuam importantes para padronizar atividades, monitorar requisitos e demonstrar conformidade. A GOE amplia essa finalidade ao incorporar uma pergunta adicional:

O que as evidências produzidas por essas atividades estão ensinando à organização?

Essa pergunta expressa uma das características centrais do modelo: a passagem de uma lógica predominantemente orientada ao registro e à verificação para um processo contínuo de produção e aproveitamento do conhecimento organizacional.

3.2. Conectando estratégia, operação e conhecimento

Uma das principais contribuições da GOE é estabelecer uma conexão permanente entre aquilo que a organização planeja e aquilo que efetivamente acontece em suas operações.

Essa conexão funciona em duas direções complementares.

Da estratégia para a operação, os objetivos organizacionais orientam os processos, os requisitos, os controles e as atividades que precisam ser executados e acompanhados. São definidos os critérios que permitem verificar se a execução corresponde às condições esperadas.

Da operação para a estratégia, as evidências produzidas pelas equipes são organizadas, contextualizadas e analisadas para apoiar a compreensão dos resultados, a identificação de desvios, a avaliação dos controles e a definição de prioridades.

Essa conexão permite relacionar o planejamento à realidade observada, criando condições para que informações relevantes circulem entre os diferentes níveis da organização.

Entretanto, a simples existência de registros não garante a produção de conhecimento. Sua utilidade depende da confiabilidade das evidências, da compreensão de seu contexto, da consistência das análises e da capacidade de relacioná-las aos objetivos organizacionais.

Nenhuma evidência isolada explica necessariamente as causas de determinado resultado. Quando analisadas de forma estruturada e em conjunto com outras informações, porém, as evidências podem apoiar investigações, orientar a avaliação de hipóteses e revelar oportunidades de aperfeiçoamento.

A GOE também reconhece o papel das pessoas na construção desse conhecimento. Os profissionais que executam atividades operacionais não são apenas responsáveis pelo

cumprimento de procedimentos. São observadores permanentes da realidade organizacional e podem contribuir para identificar situações que não aparecem nos indicadores consolidados.

Ao criar mecanismos para registrar e compartilhar essas observações, a organização amplia sua capacidade de aproveitar o conhecimento produzido em diferentes áreas e níveis hierárquicos.

> *A operação deixa de ser apenas o lugar onde a estratégia é executada e passa a ser também uma fonte permanente de conhecimento para sua avaliação e aperfeiçoamento.*



Figura 3 – GOE: duas direções de aprendizagem.

3.3. Um modelo de gestão, não apenas uma tecnologia

A GOE não se confunde com um aplicativo, um sistema de inteligência artificial ou uma ferramenta de preenchimento de formulários.

Trata-se de um modelo que organiza a relação entre planejamento, execução, evidências, análise, conhecimento, decisão e aprendizagem organizacional.

Sua aplicação é transversal, podendo apoiar diferentes processos e áreas, como gestão de riscos, segurança, qualidade, conformidade, continuidade de negócios, manutenção e logística, entre outras atividades que dependam de verificações e controles estruturados.

A GOE também não pretende substituir metodologias consolidadas de gestão. Sua finalidade é fortalecer sua aplicação prática, especialmente na conexão entre execução operacional, monitoramento, avaliação de resultados e melhoria contínua.

A tecnologia representa um instrumento importante para viabilizar essa abordagem em operações complexas e de grande escala, ampliando a capacidade de registrar, organizar, analisar e disponibilizar informações relevantes.

Nesse contexto, o **t-Risk Easy** foi concebido para operacionalizar a GOE, enquanto a inteligência artificial **Vision Pro** oferece apoio à interpretação e à análise das informações produzidas, preservando o julgamento e a responsabilidade humana pelas decisões.

O fundamento permanece o mesmo: a tecnologia deve servir à gestão, e não transformar a gestão em uma atividade subordinada à tecnologia.

3.4. O princípio orientador da GOE

A concepção da Gestão Operacional Orientada por Evidências está sintetizada em um princípio que expressa a relação entre conhecimento, decisão e evolução organizacional:

> *"A maturidade operacional de uma organização é diretamente proporcional à sua capacidade de transformar evidências em decisões e decisões em melhoria contínua".*

— Princípio da Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE).

Esse princípio expressa uma orientação conceitual: a maturidade operacional não depende apenas da existência de processos, controles ou tecnologias, mas também da capacidade da organização de compreender sua realidade, aprender com suas experiências e transformar esse aprendizado em melhorias efetivas.

Organizações que conseguem produzir evidências confiáveis, interpretá-las sistematicamente, utilizá-las para fundamentar decisões e acompanhar os resultados

das medidas implementadas criam melhores condições para aperfeiçoar seus processos e controles.

Nesse contexto, o valor das evidências não termina quando uma decisão é tomada.

As ações decorrentes precisam ser executadas, acompanhadas e avaliadas. Seus resultados geram novas informações e oportunidades de aprendizagem, permitindo verificar a efetividade das medidas adotadas e identificar necessidades de ajustes.

Forma-se, assim, um ciclo contínuo no qual a experiência acumulada contribui para fortalecer controles, revisar processos, aperfeiçoar estratégias e apoiar decisões futuras.

> *Na GOE, a aprendizagem organizacional não se encerra com a conclusão de uma atividade. As evidências e os conhecimentos produzidos passam a alimentar continuamente a capacidade da organização de compreender sua realidade, decidir e evoluir.*

À medida que esse processo se consolida, as evidências deixam de representar somente registros individuais e, quando organizadas e preservadas de maneira estruturada, passam a contribuir para uma memória operacional progressivamente enriquecida.

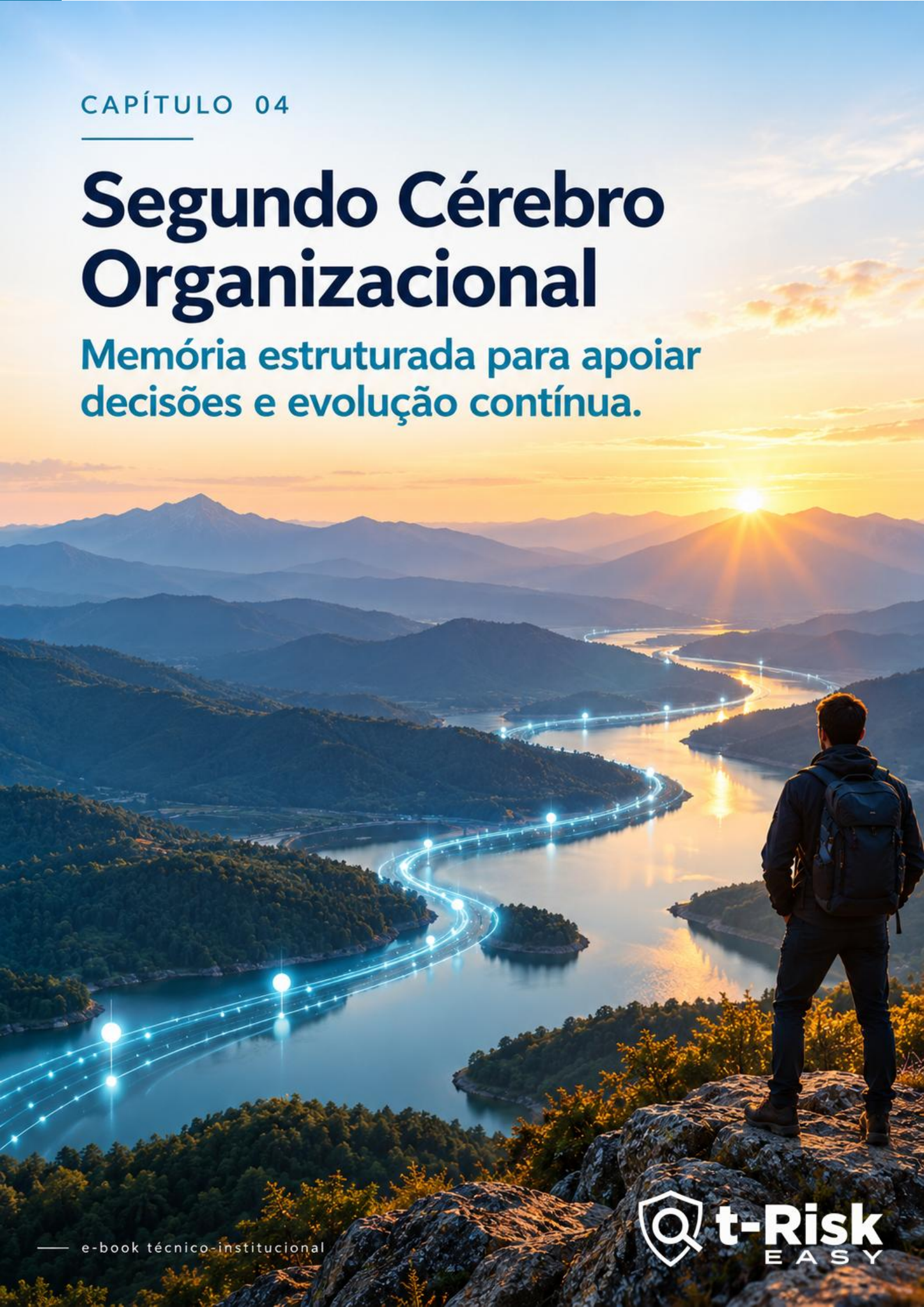
Essa perspectiva abre caminho para uma capacidade organizacional particularmente relevante: preservar, relacionar, recuperar e utilizar o conhecimento acumulado ao longo do tempo.

É nessa convergência entre gestão do conhecimento, evidências e apoio à tomada de decisão que se estabelece a conexão entre a GOE e o conceito de **Segundo Cérebro Organizacional *(Second Brain)***.

CAPÍTULO 04

Segundo Cérebro Organizacional

Memória estruturada para apoiar decisões e evolução contínua.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 4 – Segundo Cérebro Organizacional

4.1. A construção de um Segundo Cérebro Organizacional

Toda organização possui uma memória. Ela está presente nas experiências de seus profissionais, nos procedimentos desenvolvidos, nos problemas enfrentados, nas soluções implementadas e nas decisões tomadas ao longo de sua trajetória.

Entretanto, possuir essa memória não significa necessariamente conseguir preservá-la, relacioná-la ou utilizá-la quando necessário.

Uma solução desenvolvida em determinada unidade pode ser desconhecida pelas demais. Uma decisão tomada anos antes pode perder seu contexto. Um problema já solucionado pode reaparecer sem que a experiência anterior seja considerada.

A **Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE)** oferece os fundamentos para enfrentar esse desafio por meio da construção de uma capacidade que denominamos **Segundo Cérebro Organizacional *(Second Brain)***.

A expressão *Second Brain*, difundida por Tiago Forte no campo da gestão pessoal do conhecimento, é utilizada aqui por analogia, aplicada ao contexto organizacional. Na perspectiva da GOE, não representa a reprodução de um método pessoal de organização de informações nem um cérebro artificial capaz de tomar decisões autonomamente.

> *O Segundo Cérebro Organizacional é a capacidade de preservar, organizar, relacionar, recuperar e utilizar conhecimentos produzidos pela própria organização, transformando experiências e evidências acumuladas em um patrimônio estruturado de apoio à gestão e à tomada de decisão.*

Essa capacidade é construída pela integração entre pessoas, processos, evidências confiáveis, critérios de gestão, mecanismos de análise e aprendizagem contínua.
Seu propósito é permitir que o conhecimento produzido nas atividades cotidianas ultrapasse os limites de cada ocorrência, profissional ou departamento e contribua para a compreensão da organização como um todo.

4.2. Da memória individual à memória organizacional

A experiência humana constitui um dos ativos mais importantes das organizações. Profissionais que executam atividades, acompanham processos e enfrentam situações

reais desenvolvem conhecimentos que nem sempre estão registrados em procedimentos ou refletidos em indicadores.

Nem todo esse conhecimento pode ser integralmente formalizado. Entretanto, observações relevantes, circunstâncias de problemas, decisões adotadas e resultados alcançados podem ser documentados e compartilhados.

É nesse espaço que se desenvolve a proposta do Segundo Cérebro Organizacional.

Em vez de depender exclusivamente da transmissão informal de experiências, a organização busca criar condições para preservar informações relevantes sobre sua própria atuação.

Isso significa registrar não apenas que determinada ocorrência aconteceu, mas também seu contexto: onde e quando foi observada, quais processos e controles estavam envolvidos, quais medidas foram adotadas e que resultados puderam ser verificados posteriormente.

Um registro isolado informa sobre determinado acontecimento. Um conjunto de evidências contextualizadas, associado às análises, às decisões e aos resultados das ações implementadas, pode contribuir para compreender como a organização enfrentou determinada situação e o que aprendeu com ela.

> *O conhecimento produzido por uma pessoa, equipe ou unidade passa a ter condições de contribuir para decisões e aprendizados de outras pessoas, equipes e unidades.*

Essa capacidade fortalece a continuidade operacional, facilita o compartilhamento de experiências e reduz a dependência exclusiva da memória individual, sem substituir o julgamento e as habilidades dos profissionais.

4.3. Uma memória que ganha valor com o tempo

Uma das características mais relevantes do Segundo Cérebro Organizacional é seu potencial cumulativo.

Uma evidência pode contribuir para compreender determinada condição observada em um momento específico. Quando registros confiáveis e comparáveis são produzidos ao longo do tempo, tornam-se possíveis análises que ultrapassam os limites das ocorrências individuais.

Considere uma organização que realiza milhares de inspeções e verificações anualmente em diferentes unidades.

Inicialmente, os registros permitem identificar situações que exigem atenção e orientar providências pontuais. Com o passar dos meses, a organização pode reunir informações sobre a frequência dos problemas, as condições em que surgem, os controles envolvidos e as medidas implementadas.

A partir desse histórico, pode investigar questões mais abrangentes.

Por exemplo, atrasos recorrentes na correção de anomalias de manutenção podem indicar a necessidade de avaliar o planejamento das atividades, a disponibilidade de recursos, os critérios de priorização ou os procedimentos adotados.

A recorrência, por si só, não comprova suas causas. Entretanto, oferece elementos para formular hipóteses e orientar verificações adicionais.

Se a organização decide modificar determinado procedimento, as evidências produzidas posteriormente podem ajudar a avaliar os efeitos da mudança.

O conhecimento relevante passa a envolver não apenas a ocorrência inicial, mas também a análise realizada, a decisão adotada, as medidas implementadas e os resultados observados.

> *É essa relação entre acontecimentos, decisões e resultados que permite transformar um histórico operacional em uma fonte de aprendizagem organizacional.*



Figura 4 – Segundo Cérebro Organizacional.

Entretanto, o valor dessa memória não cresce automaticamente com o volume de registros armazenados.

Informações duplicadas, incompletas, descontextualizadas ou desatualizadas podem prejudicar as análises. Da mesma forma, comparações entre unidades ou períodos precisam considerar possíveis diferenças de critérios, condições operacionais e procedimentos.

Por isso, a construção de um Segundo Cérebro exige **curadoria do conhecimento**: critérios para organizar, validar, atualizar, relacionar e recuperar informações, preservando seu contexto e sua evolução histórica.

Também exige reconhecer quando determinado conhecimento precisa ser revisto, corrigido ou deixar de ser utilizado por não representar mais a realidade.

O valor do Segundo Cérebro, portanto, não está no armazenamento indiscriminado de informações, mas na capacidade de manter um patrimônio de conhecimento confiável e útil.

Assim, a memória operacional deixa de servir exclusivamente à compreensão do passado e passa a oferecer elementos para interpretar o presente e apoiar decisões futuras.

4.4. O conhecimento da operação a serviço da tomada de decisão

A construção de um Segundo Cérebro Organizacional fortalece a conexão entre diferentes níveis da organização.

Profissionais que atuam diretamente na operação observam situações que podem não aparecer imediatamente nos indicadores consolidados. Gestores e executivos, por sua vez, precisam compreender essas informações em relação aos objetivos, riscos, processos e resultados organizacionais.

A GOE propõe aproximar essas perspectivas.

Por meio de evidências estruturadas e contextualizadas, informações produzidas nas atividades cotidianas podem contribuir para análises que ultrapassam os limites da unidade ou do departamento em que foram registradas.

Uma falha inicialmente tratada como pontual pode ser relacionada a ocorrências semelhantes. Uma medida corretiva pode ser avaliada à luz de seus resultados posteriores. Uma decisão pode considerar experiências acumuladas em diferentes períodos e ambientes.

Esse processo cria melhores condições para que o conhecimento produzido na base operacional chegue aos níveis responsáveis pelo planejamento, pela alocação de recursos e pela definição de prioridades.

Também permite **retroalimentar a estratégia com conhecimentos extraídos da execução real dos processos**.

Os objetivos orientam as atividades. As atividades produzem informações e evidências. Sua análise contribui para construir conhecimento, que pode apoiar decisões destinadas a aperfeiçoar processos, controles e estratégias.

À medida que essas decisões são implementadas e acompanhadas, novas evidências passam a alimentar o ciclo.

O Segundo Cérebro não decide pela organização. Sua função é ampliar as condições para que profissionais e gestores decidam com acesso a uma memória mais estruturada, relevante e contextualizada de sua própria realidade.

A responsabilidade pela avaliação das alternativas, pela consideração dos riscos e pela definição das ações permanece humana.

4.5. Inteligência artificial, confiabilidade e governança

A evolução da inteligência artificial amplia as possibilidades de utilização do conhecimento acumulado pelas organizações.

Recursos analíticos e sistemas de IA podem apoiar a interpretação de informações, facilitar a identificação de padrões, auxiliar na recuperação de registros relevantes e contribuir para a elaboração de análises.

Entretanto, **inteligência artificial e Segundo Cérebro Organizacional não são conceitos equivalentes**.

A IA representa um conjunto de recursos tecnológicos que pode apoiar determinadas atividades. O Segundo Cérebro representa uma capacidade organizacional mais abrangente, fundamentada na gestão sistemática do conhecimento e das evidências.

Uma ferramenta de IA ou um grande repositório digital não garante, por si só, uma memória organizacional confiável.

Essa capacidade depende da qualidade das informações, da preservação de seu contexto, da rastreabilidade dos registros e de mecanismos de análise e validação.

Também exige governança sobre o ciclo de vida das informações, incluindo critérios de acesso, utilização, atualização, conservação e descarte, de acordo com suas finalidades e os requisitos legais e organizacionais aplicáveis.

Esses cuidados são particularmente importantes quando os registros envolvem dados pessoais, situações de segurança, informações estratégicas ou outros conteúdos sensíveis.

O conhecimento deve estar disponível às pessoas autorizadas que dele necessitam, sem comprometer a confidencialidade, a integridade das informações ou os direitos dos envolvidos.

Nesse contexto, o **t-Risk Easy** foi concebido para apoiar a operacionalização da GOE, enquanto a inteligência artificial **Vision Pro** integra a proposta tecnológica de ampliar as possibilidades de interpretação e análise das evidências.

O desenvolvimento dessa capacidade depende, entretanto, não apenas da tecnologia, mas também dos processos de gestão, dos critérios de governança e da utilização responsável das informações.

> *A qualidade do conhecimento organizacional depende da confiabilidade das evidências, da consistência das análises e da responsabilidade humana por sua interpretação e utilização.*

4.6. Uma organização capaz de aprender com a própria história

A construção de um Segundo Cérebro Organizacional não ocorre simplesmente pela implantação de um software ou pela digitalização de documentos.

Trata-se de um processo evolutivo, sustentado pela maneira como a organização registra, preserva, compartilha, interpreta e utiliza aquilo que aprende.

Cada atividade relevante pode produzir novas observações. Cada evidência confiável pode ampliar a compreensão sobre um processo. Cada decisão acompanhada pode gerar conhecimentos úteis para situações futuras.

Quando essas experiências são preservadas, relacionadas, atualizadas e analisadas de maneira sistemática, a organização desenvolve melhores condições para reconhecer problemas recorrentes, compreender mudanças e avaliar a efetividade das ações implementadas.

Essa capacidade não elimina incertezas nem garante automaticamente decisões mais assertivas. Entretanto, contribui para que elas sejam fundamentadas em informações mais completas, experiências anteriores e evidências contextualizadas.

> *O verdadeiro valor do Segundo Cérebro Organizacional está em transformar a experiência acumulada pela operação em um patrimônio de conhecimento confiável, acessível às pessoas autorizadas e permanentemente útil à gestão.*

É nessa perspectiva que a GOE ultrapassa a lógica do simples registro de atividades e fortalece a capacidade da organização de aprender com sua própria realidade.

Para que esse aprendizado produza melhorias efetivas, o conhecimento precisa retornar aos processos de planejamento, execução, verificação e ação.

Essa dinâmica estabelece uma conexão direta entre a GOE e o ciclo PDCA, tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 05

GOE e o Ciclo PDCA

Evidências conectando planejamento, execução, verificação e melhoria.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 5 – GOE e o Ciclo PDCA

5.1. Como funciona o modelo GOE e sua integração com o PDCA

A Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) organiza a conexão entre estratégia, processos, execução operacional, evidências, conhecimento, tomada de decisão e melhoria contínua em um ciclo permanente de gestão.

Seu propósito é permitir que as informações produzidas durante a execução das atividades ultrapassem sua finalidade imediata e contribuam para compreender resultados, avaliar controles, identificar oportunidades de aperfeiçoamento e orientar decisões.

> *Na GOE, as evidências constituem o elo entre aquilo que a organização planeja, o que efetivamente acontece em suas operações e as decisões necessárias para sua evolução.*

Essa lógica pressupõe que o conhecimento produzido pelas atividades cotidianas retorne à gestão e contribua para revisar processos, aperfeiçoar controles e orientar novos ciclos de planejamento.

5.2. O ciclo da GOE: planejar, executar, evidenciar, interpretar, decidir e evoluir

O funcionamento da GOE pode ser apresentado, em sua visão executiva, por meio de seis movimentos integrados: **Planejar, Executar, Evidenciar, Interpretar, Decidir e Evoluir**.

→ **Planejar**: consiste em estabelecer objetivos, processos, responsabilidades, riscos, controles e critérios de acompanhamento. Nessa etapa, também se define o que precisa ser verificado e quais informações serão necessárias para avaliar a execução e os resultados.

→ **Executar:** corresponde à realização das atividades pelos profissionais responsáveis, conforme os processos e procedimentos estabelecidos. É nesse momento que o planejamento encontra as condições reais da operação.

→ **Evidenciar:** significa registrar, de maneira estruturada, informações relevantes sobre as condições observadas e as atividades realizadas. Respostas objetivas, fotografias, observações e registros de não conformidades podem contribuir

para a produção de evidências, conforme sua pertinência, confiabilidade e contexto.

→ **Interpretar:** envolve organizar, contextualizar e analisar as evidências, relacionando-as aos processos, controles e objetivos organizacionais. Essa análise pode contribuir para identificar recorrências, tendências, fragilidades e oportunidades de melhoria, sem presumir relações de causa e efeito que não tenham sido verificadas.

→ **Decidir**: consiste em utilizar o conhecimento produzido para avaliar alternativas, estabelecer prioridades e definir medidas. As decisões podem envolver correções operacionais, revisões de processos, atualização de controles, capacitação ou investimentos.

→ **Evoluir**: compreende a implementação, o acompanhamento e a avaliação das ações adotadas, utilizando seus resultados para identificar necessidades de ajustes e orientar novos ciclos de planejamento.

Esses seis movimentos sintetizam a lógica da GOE, mas não substituem seu detalhamento metodológico.

O documento fundador apresenta **oito etapas operacionais**: planejar; estruturar os checklists; executar em campo; produzir evidências; transformar evidências em informação; transformar informação em conhecimento; transformar conhecimento em decisão; e aprender e evoluir.

Nessa nomenclatura, a transformação das evidências em informação refere-se à sua organização e consolidação em **informações gerenciais**, como indicadores, comparações, tendências e análises por unidade, processo ou período. Essa etapa não elimina a distinção entre dados, informações, evidências e conhecimento apresentada anteriormente.

As duas descrições são complementares. Os seis movimentos permitem compreender o ciclo em perspectiva executiva; as oito etapas detalham como ele pode ser desenvolvido nas atividades de verificação e gestão operacional.

> *Em ambas, o elemento essencial é a continuidade: cada decisão implementada e acompanhada pode produzir novas evidências e novos aprendizados.*

5.3. Evidências no centro do modelo conceitual

O modelo conceitual da GOE representa essa dinâmica por meio de oito componentes interligados: **Estratégia, Processos, Operação, Checklists Inteligentes, Evidências, Análise e Inteligência, Decisão e Melhoria Contínua**.

Esses componentes, apresentados no diagrama oficial da t-Risk, descrevem a estrutura do modelo. Não devem ser confundidos com as oito etapas operacionais da metodologia.

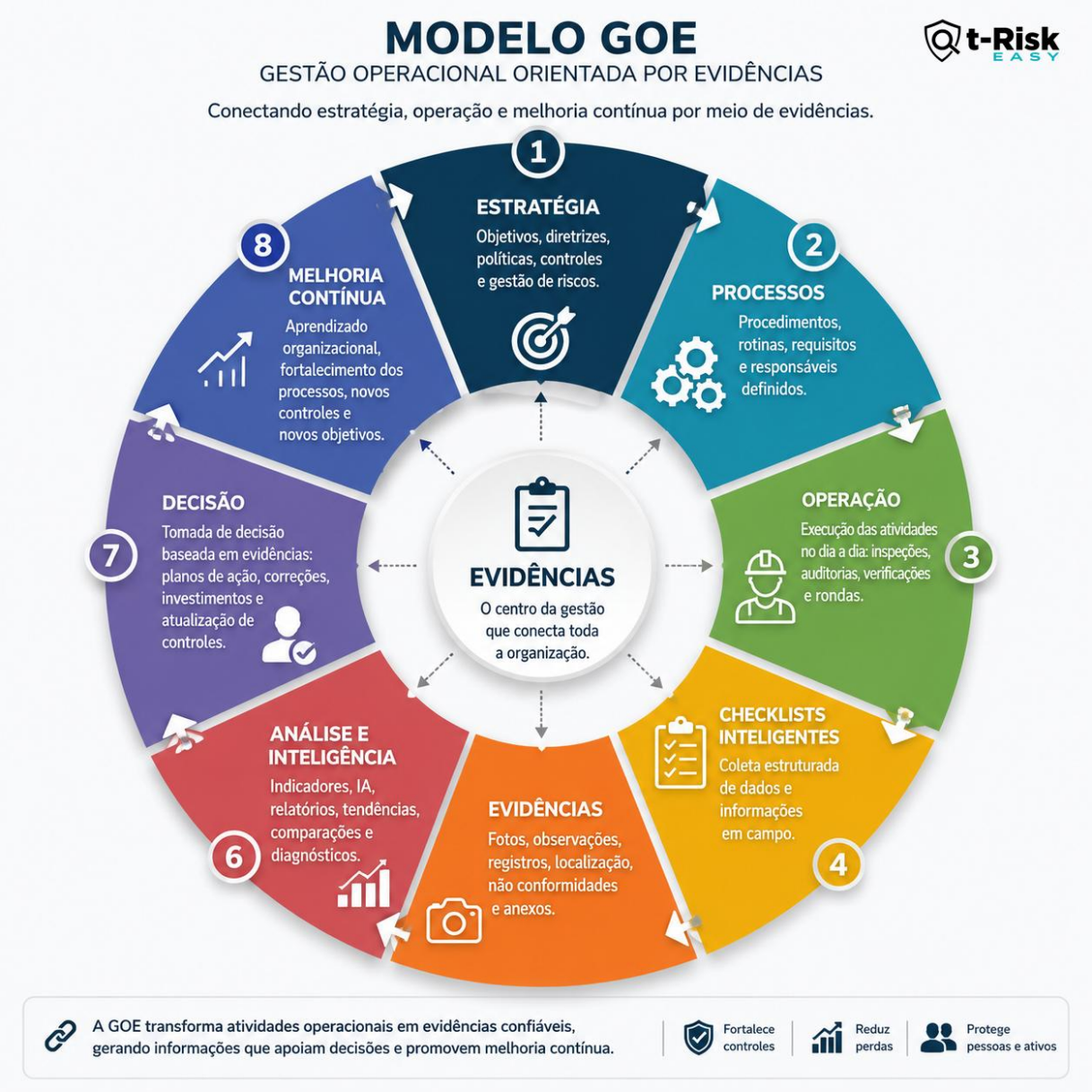


Figura 5 – Modelo oficial GOE.

A estratégia define objetivos e diretrizes. Os processos estabelecem procedimentos, requisitos, controles e responsabilidades. A operação materializa esses elementos nas atividades cotidianas.

Os checklists inteligentes, quando utilizados, permitem estruturar verificações e registrar informações relacionadas às condições observadas. Os registros produzidos, desde que adequados e confiáveis, passam a constituir evidências que podem ser organizadas e analisadas.

A análise e a inteligência contribuem para interpretar essas evidências, relacioná-las aos objetivos organizacionais e produzir conhecimentos úteis à gestão.

A partir desses conhecimentos, os responsáveis podem avaliar alternativas, definir prioridades e decidir sobre ações corretivas, preventivas ou de aperfeiçoamento.

A melhoria contínua completa e reinicia o ciclo, utilizando os resultados das ações para fortalecer processos, controles e decisões futuras.

O posicionamento das evidências no centro do modelo expressa seu papel de conexão entre as diferentes atividades de gestão.

Isso não significa que toda evidência seja suficiente para fundamentar uma decisão, nem que todos os registros operacionais tenham a mesma relevância. A qualidade das conclusões depende da adequação das evidências, do contexto considerado e da consistência das análises.

> *O valor da GOE está em estabelecer um fluxo estruturado no qual a realidade observada nas operações contribui para avaliar e aperfeiçoar aquilo que foi planejado.*

Essa dinâmica também favorece a construção de uma memória operacional: evidências, análises, decisões e resultados preservados ao longo do tempo podem ser recuperados e utilizados para orientar novas avaliações.

5.4. A integração da GOE com o ciclo PDCA

A lógica da GOE apresenta uma relação direta com o ciclo **PDCA — *Plan, Do, Check, Act***, amplamente utilizado para orientar a melhoria contínua dos processos.

A GOE não substitui o PDCA nem constitui uma metodologia concorrente. Sua contribuição está em fortalecer a aplicação prática de suas etapas por meio da produção, da interpretação e da utilização sistemática de evidências operacionais.

No ***Plan*** **(Planejar)**, a organização define o que pretende alcançar e estabelece os processos, recursos, responsabilidades e critérios necessários. A GOE contribui para que esse planejamento também determine o que deve ser verificado e quais evidências poderão apoiar a avaliação da execução e dos resultados.

No ***Do*** **(Executar)**, os processos são colocados em prática. A GOE incentiva que verificações e registros relevantes sejam incorporados às atividades, permitindo documentar condições observadas durante sua realização.

No ***Check*** **(Verificar)**, a organização avalia a execução e os resultados em relação aos critérios estabelecidos. Nessa etapa, a GOE contribui especialmente ao favorecer a organização e a análise de evidências confiáveis, indicadores e informações históricas.

No ***Act*** **(Agir)**, os responsáveis utilizam os resultados das avaliações para decidir, implementar e consolidar medidas destinadas a corrigir problemas, atualizar controles ou aperfeiçoar processos. A GOE reforça a importância de acompanhar os efeitos dessas medidas e preservar os aprendizados produzidos.



Figura 6 – Modelo oficial GOE integrado ao PDCA.

Essa correspondência não deve ser interpretada como uma associação rígida entre uma etapa do PDCA e um único movimento da GOE.

As evidências podem ser produzidas durante a execução, examinadas na verificação e utilizadas nas decisões e ações de melhoria. Da mesma forma, o conhecimento acumulado em ciclos anteriores pode contribuir para o planejamento seguinte.

> *O PDCA organiza a dinâmica da melhoria contínua. A GOE contribui para alimentar essa dinâmica com evidências da execução real dos processos e com o conhecimento construído a partir de sua análise.*

Um aspecto particularmente relevante dessa integração é a distinção entre verificar a execução de uma ação e avaliar sua efetividade.

Confirmar que determinada medida foi implementada não significa, necessariamente, demonstrar que ela produziu os resultados esperados.

Para avaliar sua efetividade, é necessário considerar as condições posteriores à implementação, os critérios previamente definidos e outros fatores que possam influenciar os resultados.

Esse acompanhamento permite distinguir providências simplesmente concluídas de melhorias efetivamente verificadas.

5.5. Complementaridade com sistemas de gestão e referenciais técnicos

A GOE foi concebida para dialogar com diferentes metodologias, sistemas de gestão e boas práticas reconhecidas internacionalmente.

Sua lógica apresenta convergências com referenciais como a **ISO 31000**, que oferece diretrizes para gestão de riscos; a **ISO 9001**, voltada aos sistemas de gestão da qualidade; a **ISO 22301**, relacionada aos sistemas de gestão de continuidade de negócios; a **ISO 45001**, dedicada à gestão de saúde e segurança ocupacional; e a **ISO 19011**, que apresenta diretrizes para auditorias de sistemas de gestão.

A complementaridade decorre da importância que esses referenciais atribuem, em seus respectivos campos de aplicação, à definição de critérios, ao acompanhamento dos processos, à avaliação de resultados e ao aperfeiçoamento da gestão.

A GOE pode apoiar essas atividades ao incentivar a produção de evidências, a rastreabilidade dos registros, o acompanhamento de controles e a utilização de informações confiáveis nas análises gerenciais.

Entretanto, **a adoção da GOE, isoladamente, não demonstra conformidade com requisitos normativos nem substitui avaliações, auditorias ou processos de certificação aplicáveis**.

Seu papel consiste em complementar os instrumentos já utilizados pelas organizações, fortalecendo a conexão entre os requisitos de gestão e aquilo que efetivamente ocorre em suas operações.

Essa abordagem permite sua aplicação em diferentes setores e atividades, respeitando os requisitos, os riscos e as particularidades de cada contexto.

5.6. Da correção de problemas à aprendizagem contínua

Uma organização pode identificar e corrigir problemas repetidamente sem necessariamente compreender por que continuam ocorrendo.

Quando uma não conformidade é tratada de forma isolada, a providência adotada pode resolver a situação imediata sem eliminar suas possíveis causas ou impedir sua repetição.

A GOE propõe que o tratamento dessas situações também contribua para o aprendizado organizacional.

Cada verificação pode produzir novas informações. A análise de evidências pode revelar recorrências e orientar investigações. As decisões adotadas podem ser acompanhadas para verificar se as medidas implementadas produziram os efeitos esperados.

Quando esses conhecimentos são utilizados para revisar procedimentos, fortalecer controles e orientar novos ciclos de planejamento, a melhoria contínua passa a contar com uma base mais consistente de aprendizagem.

Nesse processo, o conhecimento acumulado ao longo do tempo, associado ao conceito de **Segundo Cérebro Organizacional**, pode contribuir para que decisões futuras considerem experiências anteriores, inclusive aquelas em que determinadas medidas não produziram os resultados pretendidos.

Essa capacidade depende da confiabilidade dos registros, da consistência das análises, da preservação do contexto e do comprometimento das pessoas responsáveis por interpretar as evidências e agir sobre elas.

> *A GOE fortalece a melhoria contínua ao conectar aquilo que foi planejado, o que foi executado, o que as evidências permitem compreender, as decisões adotadas e os resultados efetivamente observados.*

Nesse contexto, o checklist assume uma função importante, mas não representa o objetivo final da gestão.

Quando adequadamente estruturado, ele constitui um instrumento para produzir registros e evidências que podem alimentar todo o ciclo.

É essa mudança de perspectiva que examinaremos no próximo capítulo: **a passagem do checklist tradicional à gestão do conhecimento e à inteligência operacional.**

CAPÍTULO 06

Do Checklist ao Conhecimento que Gera Valor

Da verificação estruturada à construção de inteligência operacional.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 6 – Do Checklist ao Conhecimento que Gera Valor

6.1. Do checklist à gestão do conhecimento

Os checklists desempenham um papel importante na organização das atividades operacionais. Utilizados em inspeções, auditorias, rondas e verificações, ajudam a padronizar procedimentos, reduzir esquecimentos e acompanhar o cumprimento de requisitos e controles.

Sua importância permanece. Entretanto, quando a utilização desses instrumentos termina com o preenchimento e o arquivamento dos registros, uma parcela significativa de seu potencial para apoiar a gestão pode deixar de ser aproveitada.

Uma inspeção pode ter sido concluída e seus resultados devidamente documentados. Ainda assim, as informações produzidas podem não ser utilizadas para compreender tendências, avaliar controles, identificar recorrências ou aperfeiçoar processos.

> *O problema não está no checklist, mas na limitação de seu uso como instrumento exclusivamente destinado ao registro e à verificação.*

A Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) propõe ampliar essa finalidade. O checklist passa a integrar um processo de produção de evidências e construção de conhecimento organizacional, sem perder sua função original de apoiar a execução e a verificação das atividades.

6.2. O checklist como ponto de partida, não como resultado final

Em uma abordagem limitada à execução da verificação, o êxito da atividade pode ser associado principalmente à conclusão do formulário, ao cumprimento do cronograma e ao registro das conformidades e não conformidades identificadas.

Esses resultados continuam sendo relevantes. A GOE, entretanto, propõe uma pergunta adicional:

"O que as evidências produzidas por esse checklist estão nos ensinando sobre a operação?"

Essa mudança desloca a atenção do documento preenchido para o conhecimento que pode ser produzido a partir das condições observadas.

Uma resposta pode indicar a existência de um desvio. Uma fotografia pode contribuir para demonstrar determinada situação. Uma observação pode registrar uma circunstância relevante que não seria compreendida apenas por uma resposta objetiva.

Quando esses elementos são adequadamente contextualizados, analisados e relacionados a outras informações, podem apoiar a identificação de padrões, a avaliação de controles e a definição de ações de melhoria.

O checklist continua exercendo sua função operacional, mas passa a atender também a uma finalidade gerencial.

> *Seu valor não se limita à quantidade de verificações realizadas: inclui a relevância e a confiabilidade das informações que elas oferecem para a gestão.*

Isso não significa que todo registro produza necessariamente conhecimento novo. Significa reconhecer que verificações bem planejadas podem ampliar a compreensão da organização sobre seus próprios processos.



Figura 7 – Do checklist ao conhecimento que gera valor.

6.3. Perguntas simples, informações relevantes

Para contribuir efetivamente com a gestão do conhecimento, um checklist precisa ser estruturado a partir dos objetivos, processos, requisitos, riscos e controles que justificam sua utilização.

Esses elementos devem ser traduzidos em perguntas claras, objetivas e verificáveis, adequadas às atividades dos profissionais responsáveis pela execução.

O profissional que realiza uma verificação precisa compreender o que deve observar, quais critérios se aplicam e como registrar corretamente aquilo que encontrou. Para isso, não precisa necessariamente dominar todos os fundamentos estratégicos ou metodológicos que orientaram a elaboração do checklist.

Entretanto, **a simplicidade do instrumento não dispensa a qualificação profissional, os treinamentos, as habilitações ou a supervisão exigida para atividades técnicas, críticas ou reguladas**.

Perguntas bem formuladas e opções simples de resposta podem contribuir para reduzir ambiguidades, facilitar a execução e tornar os registros mais consistentes.

Conforme a natureza da verificação, respostas como “Sim”, “Não” e “Não se aplica”, ou “Conforme”, “Não conforme” e “Não se aplica”, podem atender à necessidade operacional.

A opção de não aplicabilidade deve corresponder aos critérios definidos para a situação verificada, não servindo como substituto para uma inspeção que deixou de ser realizada.

Fotografias, observações breves e outros registros complementares podem ser utilizados quando necessários para esclarecer ou sustentar a constatação.

A simplicidade operacional, entretanto, não dispensa o rigor na elaboração das perguntas.

Uma pergunta genérica ou ambígua pode produzir respostas difíceis de interpretar e comparar. Da mesma forma, exigir documentos, fotografias ou descrições desnecessárias pode aumentar o esforço das equipes sem melhorar a qualidade da informação.

> *Um checklist bem estruturado deve facilitar o trabalho de quem executa a atividade e produzir informações relevantes para quem precisa compreender seus resultados e tomar decisões.*

É essa conexão entre simplicidade operacional e finalidade gerencial que permite ampliar o valor das verificações cotidianas.

6.4. Da resposta registrada à evidência confiável

A transformação dos registros em informações úteis à gestão depende de sua qualidade.

O simples preenchimento de uma resposta não comprova, por si só, que a atividade foi corretamente executada ou que determinada condição atende aos requisitos aplicáveis.

Uma resposta pode documentar adequadamente o resultado de certas verificações, conforme os critérios estabelecidos. Em outras situações, elementos complementares são necessários para sustentar a constatação.

O significado de um registro pode depender do local, do momento da inspeção, da condição observada, do requisito aplicável e de outras circunstâncias relevantes.

Por exemplo, registrar que determinado controle está não conforme constitui uma informação importante. Entretanto, compreender a natureza da não conformidade, sua localização e as condições encontradas pode ser necessário para avaliar sua relevância e orientar providências.

Por isso, as evidências devem ser pertinentes ao objeto da verificação, suficientemente confiáveis e acompanhadas do contexto necessário à sua interpretação.

Quando aplicável, também devem permitir identificar a origem do registro e acompanhar as medidas posteriormente adotadas.

Isso não significa transformar cada inspeção em um procedimento excessivamente documental.

O objetivo é produzir registros proporcionais à atividade, aos requisitos e à relevância dos riscos envolvidos.

> *A qualidade da gestão depende não apenas da existência dos registros, mas da confiabilidade das evidências e da capacidade de interpretá-las adequadamente.*

6.5. Quando uma verificação operacional passa a produzir conhecimento

Considere uma organização que realiza inspeções periódicas das condições de segurança de suas instalações.

Entre os itens verificados está a necessidade de manter determinadas saídas de emergência desobstruídas, de acordo com os requisitos aplicáveis.

Durante uma inspeção, um profissional identifica uma obstrução e registra a situação encontrada.

A condição exige as providências imediatas de segurança cabíveis, incluindo a comunicação aos responsáveis e a desobstrução da passagem, conforme os procedimentos estabelecidos.

> *A análise destinada à aprendizagem organizacional complementa, mas nunca substitui ou posterga, o tratamento de uma condição que exija ação imediata.*

Após a regularização, entretanto, permanece uma questão relevante: por que a obstrução ocorreu e quais condições podem favorecer sua repetição?

Em uma abordagem restrita ao tratamento pontual, a ocorrência pode ser encerrada sem análise posterior de possíveis recorrências.

Na perspectiva da GOE, o registro também pode contribuir para um processo mais amplo.

Verificações posteriores permitem observar se o problema voltou a ocorrer. Registros de outras unidades podem indicar situações semelhantes. A análise conjunta dessas informações pode revelar a necessidade de investigar aspectos relacionados à organização dos espaços, aos procedimentos de armazenagem, à orientação das equipes ou a outros fatores.

Essas hipóteses precisam ser verificadas. A repetição de ocorrências, isoladamente, não comprova suas causas.

Entretanto, as evidências oferecem elementos para orientar investigações e fundamentar medidas preventivas.

Se a organização decidir modificar procedimentos, aperfeiçoar controles ou reforçar a orientação das equipes, novas verificações poderão contribuir para avaliar os efeitos dessas decisões.

O conhecimento produzido passa, então, a envolver não apenas a constatação inicial, mas também as circunstâncias do problema, as análises realizadas, as medidas adotadas e os resultados observados.

> *Uma verificação operacional passa a contribuir não apenas para corrigir uma condição identificada, mas também para compreender e aperfeiçoar o processo em que ela ocorreu.*

Essa é uma das possibilidades centrais da GOE: transformar informações provenientes de atividades cotidianas em elementos úteis à aprendizagem organizacional.

6.6. Das ocorrências isoladas à inteligência operacional

O potencial dessa abordagem aumenta quando as organizações conseguem analisar verificações realizadas em diferentes unidades, processos e períodos.

Registros que individualmente parecem pouco significativos podem adquirir outra dimensão quando relacionados e interpretados de forma estruturada.

A análise histórica pode contribuir para identificar não conformidades recorrentes, acompanhar a evolução dos controles, comparar condições operacionais e avaliar o andamento das ações implementadas.

Essas informações podem subsidiar indicadores e análises gerenciais relevantes para diferentes níveis da organização.

Entretanto, a produção de indicadores exige critérios consistentes.

O número absoluto de não conformidades, por exemplo, precisa ser interpretado considerando a quantidade de inspeções, os itens efetivamente avaliados, a abrangência das verificações e as condições das unidades.

Uma unidade com maior quantidade de ocorrências registradas não apresenta necessariamente pior desempenho. Ela pode ter sido submetida a mais inspeções, a critérios diferentes ou a verificações mais abrangentes.

Para comparações consistentes, é necessário considerar bases equivalentes de avaliação, incluindo, conforme o indicador, o volume de itens aplicáveis, o período analisado e a cobertura das inspeções.

Da mesma forma, a redução do número de registros não comprova, isoladamente, que houve redução dos riscos. Mudanças na frequência das verificações, na cobertura das inspeções, nos critérios aplicados ou na qualidade dos registros podem influenciar os resultados.

Também deve ser considerada a possibilidade de **subnotificação**, especialmente quando as condições organizacionais não favorecem o registro completo e transparente das ocorrências.

Comparações confiáveis dependem, portanto, da compreensão dos critérios utilizados, das condições de produção dos dados e das limitações das informações disponíveis.

> *A inteligência operacional não consiste em produzir indicadores em maior quantidade, mas em interpretar evidências de maneira consistente para compreender a operação e apoiar decisões fundamentadas.*

Essa capacidade amplia a utilidade das verificações, permitindo que seus resultados contribuam para análises que ultrapassam os limites de uma atividade, unidade ou período.

6.7. Da execução em campo à decisão gerencial

A utilização de checklists estruturados também amplia a contribuição dos profissionais que atuam diretamente nas operações.

Ao realizar uma verificação, um colaborador pode registrar informações relevantes para a gestão sem precisar elaborar relatórios gerenciais complexos.

Os critérios estabelecidos previamente ajudam a traduzir objetivos e requisitos de gestão em verificações compreensíveis e executáveis, respeitadas as competências necessárias a cada atividade.

As informações registradas podem posteriormente ser analisadas em conjunto com dados e evidências produzidos por outros profissionais, equipes e unidades.

Esse processo cria melhores condições para que conhecimentos originados na base operacional sejam considerados nos diferentes níveis de gestão.

Para os supervisores, as verificações podem apoiar a identificação de desvios e o acompanhamento das providências necessárias.

Para os gestores, podem contribuir para avaliar recorrências, estabelecer prioridades e acompanhar a efetividade de controles e planos de ação.

Para as áreas de governança, riscos, conformidade e auditoria, podem oferecer registros que auxiliem avaliações, revisões e atividades de prestação de contas.

Para a alta administração, análises consolidadas podem contribuir para compreender aspectos da execução operacional relacionados aos objetivos organizacionais.

Uma mesma atividade, portanto, pode produzir informações úteis para diferentes responsabilidades de gestão, desde que os registros sejam adequadamente tratados, interpretados e disponibilizados às pessoas autorizadas.

> *A GOE amplia a possibilidade de transformar observações produzidas pelos profissionais da base operacional em conhecimento estruturado para apoiar decisões em toda a organização.*

Esse fluxo não substitui a supervisão, a validação técnica ou o julgamento gerencial. Ao contrário, oferece elementos adicionais para o exercício dessas responsabilidades.

6.8. O verdadeiro valor está no que a organização aprende

A digitalização dos checklists representa um avanço quando facilita a execução das atividades, a organização dos registros e o acesso às informações.

Entretanto, a simples digitalização de um formulário não caracteriza, por si só, uma gestão orientada por evidências.

A mudança mais relevante ocorre quando os registros passam a integrar um processo estruturado de análise, decisão e aprendizagem organizacional.

O checklist não perde sua função original. Ele a amplia.

Continua contribuindo para padronizar verificações e acompanhar requisitos, mas também pode alimentar indicadores, apoiar investigações, orientar planos de ação e preservar informações relevantes para avaliações futuras.

Embora represente um instrumento importante na operacionalização da GOE, não é a única fonte possível de evidências. Outros registros de processos, ocorrências, auditorias e atividades operacionais também podem contribuir para o conhecimento organizacional, conforme sua relevância e confiabilidade.

> *O objetivo não é transformar todas as atividades em checklists, mas aproveitar sistematicamente as evidências produzidas pela operação.*

Essa perspectiva está sintetizada em uma das mensagens centrais do modelo:

> *O valor não está no preenchimento do checklist, mas no conhecimento que ele pode ajudar a produzir e nas decisões que esse conhecimento permite fundamentar.*

A Gestão Operacional Orientada por Evidências propõe, assim, que atividades rotineiras contribuam para uma organização capaz de conhecer melhor seus processos, aprender com sua experiência e desenvolver condições para melhorar continuamente.

Para aplicar essa abordagem de maneira consistente em operações com múltiplas equipes, unidades e processos, são necessários instrumentos que facilitem a estruturação das verificações, a produção de evidências e sua utilização gerencial.

Foi com essa finalidade que a t-Risk desenvolveu o **t-Risk Easy**, tecnologia concebida para operacionalizar a GOE e que será apresentada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 07

t-Risk Easy: da Curadoria à Decisão

Infraestrutura tecnológica para organizar, analisar e agir.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 7 – t-Risk Easy: da Curadoria à Decisão

7.1. O t-Risk Easy como infraestrutura operacional da GOE

Uma metodologia de gestão alcança sua finalidade quando seus princípios são incorporados às atividades cotidianas e passam a orientar a forma como a organização executa, acompanha e aperfeiçoa seus processos.

Na Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE), isso significa criar condições para que informações produzidas por diferentes profissionais, equipes e unidades sejam registradas de maneira estruturada, preservadas com seu contexto e utilizadas para apoiar análises, decisões e melhoria contínua.

Em organizações com operações distribuídas, esse desafio ganha complexidade. A quantidade de verificações, a diversidade dos processos, as diferenças entre ambientes operacionais e a necessidade de acompanhar providências podem dificultar a consolidação das informações e seu aproveitamento gerencial.

Foi para apoiar a aplicação prática desse modelo que a t-Risk desenvolveu o t-Risk Easy, solução tecnológica que operacionaliza a GOE.

Sua proposta ultrapassa a digitalização de formulários. O modelo funcional integra a preparação das verificações, a execução das atividades em campo, a produção de evidências, a identificação de não conformidades, o acompanhamento das ações e a apresentação dos resultados à gestão.

> *A GOE estabelece a lógica de gestão. O t-Risk Easy oferece a infraestrutura tecnológica que apoia sua aplicação sistemática nas operações.*

Essa distinção é fundamental. O software não substitui o modelo de gestão, e sua utilização não assegura, por si só, a qualidade das evidências ou a efetividade das decisões.

A contribuição da tecnologia está em facilitar a execução das atividades, ampliar a rastreabilidade e criar condições para que informações produzidas em diferentes momentos possam ser relacionadas e aproveitadas pela organização.

7.2. Planejamento e curadoria: a qualidade começa antes da inspeção

A produção de evidências confiáveis depende de uma etapa anterior à execução em campo: a definição daquilo que precisa ser verificado e dos critérios que orientarão a atividade.

Na GOE, os objetivos organizacionais, os requisitos aplicáveis, os riscos relevantes e os controles estabelecidos orientam a estruturação das verificações.

O ambiente de curadoria do t-Risk Easy foi desenvolvido para apoiar essa preparação, permitindo organizar checklists em seções e perguntas, definir formatos de resposta e estabelecer critérios para a produção dos registros.

As perguntas podem incorporar informações relacionadas a ameaças, vulnerabilidades e controles, quando pertinentes ao objeto da verificação.

O Easy também disponibiliza uma biblioteca de perguntas reutilizáveis, que favorece a padronização dos critérios empregados em diferentes checklists, unidades e processos. A curadoria não representa apenas a elaboração de formulários. Trata-se de uma atividade que traduz requisitos e critérios de gestão em verificações claras, objetivas e adequadas à realidade dos profissionais.

Outro elemento relevante é o controle de versões.

Quando um checklist publicado precisa ser atualizado, a nova versão pode ser preparada e revisada sem substituir a referência anteriormente utilizada em campo. Essa preservação contribui para compreender quais critérios estavam vigentes quando determinadas inspeções foram realizadas.

O ambiente de curadoria também oferece assistência por inteligência artificial para apoiar a elaboração e a revisão de conteúdo. As propostas produzidas precisam ser avaliadas pelos responsáveis antes de sua utilização.

> *A tecnologia facilita a preparação das verificações, mas a definição dos requisitos, a validação dos critérios e a publicação dos conteúdos permanecem sob responsabilidade humana.*

7.3. Execução em campo: simplicidade operacional e consistência dos registros

Uma das preocupações centrais do t-Risk Easy é permitir que profissionais de diferentes funções realizem verificações de maneira objetiva, sem precisar reproduzir metodologias complexas em cada atividade.

Por meio do aplicativo móvel, o operador acessa os checklists disponibilizados para sua atividade, registra as respostas e documenta as condições observadas.

As verificações utilizam formatos de resposta compatíveis com os critérios definidos na curadoria, privilegiando opções simples quando adequadas ao contexto.

Essa simplicidade não elimina a necessidade de qualificação profissional, treinamento, habilitação ou supervisão para atividades que exijam competências técnicas específicas.

Outro aspecto importante é a possibilidade de realizar a coleta em ambientes com conectividade limitada ou indisponível.

O aplicativo adota uma abordagem de operação *offline-first*, permitindo a continuidade das verificações com os dados previamente disponíveis no dispositivo.
Para isso, é necessário que o checklist correspondente esteja acessível antes da perda de conexão.

Durante a execução, respostas e evidências podem ser registradas localmente, conforme os recursos disponíveis. Funções auxiliares que dependam de serviços externos, como determinadas operações de inteligência artificial, não devem ser presumidas disponíveis sem conexão.

Quando a conectividade é restabelecida, os registros precisam ser sincronizados com o ambiente central.

> *Concluir uma inspeção no dispositivo não significa, automaticamente, que suas informações já estejam disponíveis para a gestão.*

O acompanhamento do estado da sincronização é, portanto, parte importante da rotina operacional. Registros pendentes de envio ou cuja transmissão tenha falhado precisam ser tratados antes de sua utilização em análises centralizadas.

Essa abordagem é particularmente relevante para instalações industriais, grandes empreendimentos, operações distribuídas e ambientes nos quais a conectividade não pode ser considerada permanente.

7.4. Produção de evidências: da observação ao registro confiável

Na GOE, a qualidade da informação gerencial começa nas condições em que os registros são produzidos.

O t-Risk Easy permite que respostas sejam acompanhadas de elementos que ajudem a compreender a realidade observada, conforme a natureza da atividade e os critérios estabelecidos.

Fotografias, observações textuais e informações de contexto podem contribuir para documentar as situações identificadas em campo.

O aplicativo também oferece recursos de voz e transcrição para apoiar o registro de observações. Nesses casos, o conteúdo transcrito precisa ser conferido e corrigido pelo profissional antes de sua utilização.

A assistência por inteligência artificial pode contribuir para melhorar a clareza e a organização do texto, quando disponível, mas não substitui a responsabilidade de registrar fielmente os fatos observados.

A produção de evidências deve respeitar critérios de pertinência e proporcionalidade. Nem toda pergunta exige uma fotografia, uma descrição extensa ou outro registro complementar.

Da mesma forma, uma imagem ou uma resposta preenchida não demonstra automaticamente que determinado controle está conforme.

A confiabilidade depende da relação entre a evidência e o objeto verificado, da integridade do registro, de seu contexto e da adequação dos critérios de avaliação.

O aplicativo também inclui uma etapa de revisão antes da conclusão da inspeção.

Nela, respostas ou evidências obrigatórias ausentes podem impedir o encerramento até que as pendências sejam resolvidas.

Esse controle contribui para a completude dos registros exigidos, mas não equivale à validação técnica de todas as constatações.

Uma inspeção pode atender às exigências formais de preenchimento e, ainda assim, apresentar limitações relacionadas à clareza, à pertinência ou à qualidade das informações produzidas.

> *A completude dos registros é uma condição importante, mas a confiabilidade das evidências depende também de seu conteúdo e da possibilidade de interpretá-las corretamente.*

7.5. Da não conformidade ao acompanhamento e à validação das ações

A identificação de uma não conformidade constitui uma etapa importante da verificação, mas não encerra o processo de gestão.

É necessário avaliar sua relevância, estabelecer as providências cabíveis, atribuir responsabilidades e acompanhar os resultados.

No t-Risk Easy, as não conformidades registradas podem ser associadas a propostas de tratamento e planos de ação.

Conforme a atividade, uma tratativa pode ser iniciada durante a inspeção ou estruturada posteriormente pelos responsáveis pela gestão.

A Mesa de Operações, no ambiente web, apoia esse acompanhamento.

Os gestores podem examinar as não conformidades, considerar aspectos como severidade, local, checklist de origem, situação dos planos e recorrência dos problemas, além de organizar prioridades.

Os planos de ação permitem definir providências, responsáveis, prazos e prioridades de tratamento.

O Easy também permite a participação de responsáveis que não são usuários regulares da plataforma. Nesses casos, a tarefa pode ser encaminhada por meio de um acesso individual, permitindo registrar o andamento da execução e apresentar evidências para avaliação.

O acompanhamento não termina quando o responsável informa que concluiu a atividade.

Conforme o fluxo previsto, a gestão analisa o retorno, verifica as evidências apresentadas e decide se a tratativa pode ser encerrada ou se precisa ser devolvida para complementação.

Essa distinção é essencial.

> *Uma ação informada como executada não deve ser confundida com uma ação validada. E a validação da execução não comprova, por si só, que o problema deixou de existir ou que suas causas foram eliminadas.*

Quando necessário, novas verificações permitem avaliar se as condições operacionais foram efetivamente modificadas e se a medida produziu os resultados esperados.
Dessa forma, uma não conformidade pode dar origem a um processo que conecta decisão, execução, acompanhamento, validação e aprendizagem.

A análise de recorrências também contribui para identificar situações que merecem investigação além do tratamento pontual.



Figura 8 – t-Risk Easy: da curadoria à decisão.

7.6. Da inspeção individual à informação gerencial

A aplicação da GOE exige que as informações coletadas possam ser compreendidas para além de cada inspeção.

Gestores precisam saber não apenas quais verificações foram realizadas, mas também quais problemas foram identificados, quais providências estão pendentes e quais situações exigem atenção prioritária.

O ambiente do t-Risk Easy organiza inspeções, não conformidades, planos de ação e relatórios para apoiar essas atividades.

Os relatórios de inspeção apresentam elementos como o índice de conformidade, as respostas registradas, as evidências coletadas e as informações necessárias à compreensão dos resultados.

O ambiente de relatórios também distingue a apresentação dos resultados da inspeção da avaliação da qualidade do material que os sustenta.

Essa diferença é relevante porque **o resultado de uma verificação e a qualidade das informações utilizadas para obtê-lo são dimensões distintas**.

Um percentual de conformidade pode sintetizar respostas registradas, mas não demonstra, isoladamente, a efetividade global dos controles ou o nível de risco da operação.

Sua interpretação depende dos itens avaliados, dos critérios aplicados, da cobertura da inspeção e do contexto em que ela foi realizada.

Da mesma forma, o cumprimento das exigências formais de preenchimento não impede que determinadas evidências precisem de esclarecimento ou análise complementar.

Os recursos de acompanhamento gerencial contribuem para organizar essas informações e identificar situações que exigem providências, validações ou avaliações adicionais.

Comparações entre unidades e períodos, quando realizadas, também precisam considerar a equivalência dos critérios, a quantidade de verificações e a abrangência dos itens avaliados.

> *O valor da informação gerencial não está apenas na apresentação de resultados consolidados, mas na possibilidade de interpretá-los à luz das evidências e das condições em que foram produzidos.*

A tecnologia organiza os registros e favorece seu acesso. A interpretação continua dependendo da qualidade das informações e do julgamento dos profissionais responsáveis.

7.7. Diferentes responsabilidades, um mesmo ciclo de gestão

A operacionalização da GOE depende da atuação coordenada de profissionais que desempenham funções distintas.

Na curadoria, são preparados os instrumentos de verificação, os critérios de resposta e as orientações necessárias à execução.

Em campo, os operadores aplicam esses instrumentos e registram as condições observadas.

Na gestão, os responsáveis interpretam os resultados, estabelecem prioridades, acompanham as tratativas e utilizam as informações disponíveis para orientar decisões.

Outros profissionais podem participar da execução das ações corretivas, apresentando informações e evidências posteriormente avaliadas pelos responsáveis pela gestão.

Essas atividades não precisam utilizar a mesma linguagem nem exigir o mesmo nível de detalhamento.

Um profissional de campo pode contribuir para a gestão ao responder corretamente a uma pergunta objetiva e registrar uma evidência relevante. Essa informação poderá ser relacionada a outros registros e utilizada em uma análise mais abrangente.

A curadoria traduz critérios de gestão em verificações executáveis. A operação produz registros sobre a realidade observada. A gestão interpreta evidências e acompanha decisões e providências.

Os conhecimentos resultantes podem retornar à curadoria e ao planejamento, contribuindo para revisar perguntas, aprimorar critérios e fortalecer controles.

> *O t-Risk Easy facilita essa conexão entre diferentes responsabilidades, permitindo que a execução cotidiana contribua para os processos gerenciais de análise, decisão e melhoria contínua.*

7.8. Tecnologia a serviço da gestão do conhecimento

A integração entre verificações, evidências, relatórios e planos de ação cria condições para reduzir a fragmentação das informações operacionais.

Entretanto, a construção de conhecimento organizacional exige mais do que recursos tecnológicos.

Depende da confiabilidade dos registros, da definição de responsabilidades, da preservação do contexto, da atualização das informações e da utilização efetiva dos aprendizados.

Os registros produzidos também podem envolver fotografias de pessoas, dados pessoais, condições de segurança, vulnerabilidades e outras informações sensíveis.

Por isso, sua coleta, conservação, disponibilização e utilização devem respeitar as finalidades do tratamento, as regras de acesso e os requisitos legais e organizacionais aplicáveis.

O uso de uma plataforma digital não dispensa essas responsabilidades nem assegura automaticamente conformidade com a legislação de proteção de dados.

Da mesma forma, a preservação de evidências, análises e decisões cria condições para desenvolver uma memória operacional útil à gestão, mas não constitui, isoladamente, um Segundo Cérebro Organizacional plenamente estruturado.

Essa capacidade depende de curadoria do conhecimento, recuperação contextualizada das informações e aprendizagem contínua.

> *O t-Risk Easy não substitui a gestão. Sua função é oferecer instrumentos para apoiar a aplicação estruturada da GOE, conectando pessoas, verificações, evidências, tratativas e informações gerenciais.*

Nesse processo, a inteligência artificial pode ampliar as possibilidades de assistência e interpretação das informações, desde que suas contribuições sejam avaliadas de acordo com o contexto e a qualidade das evidências.

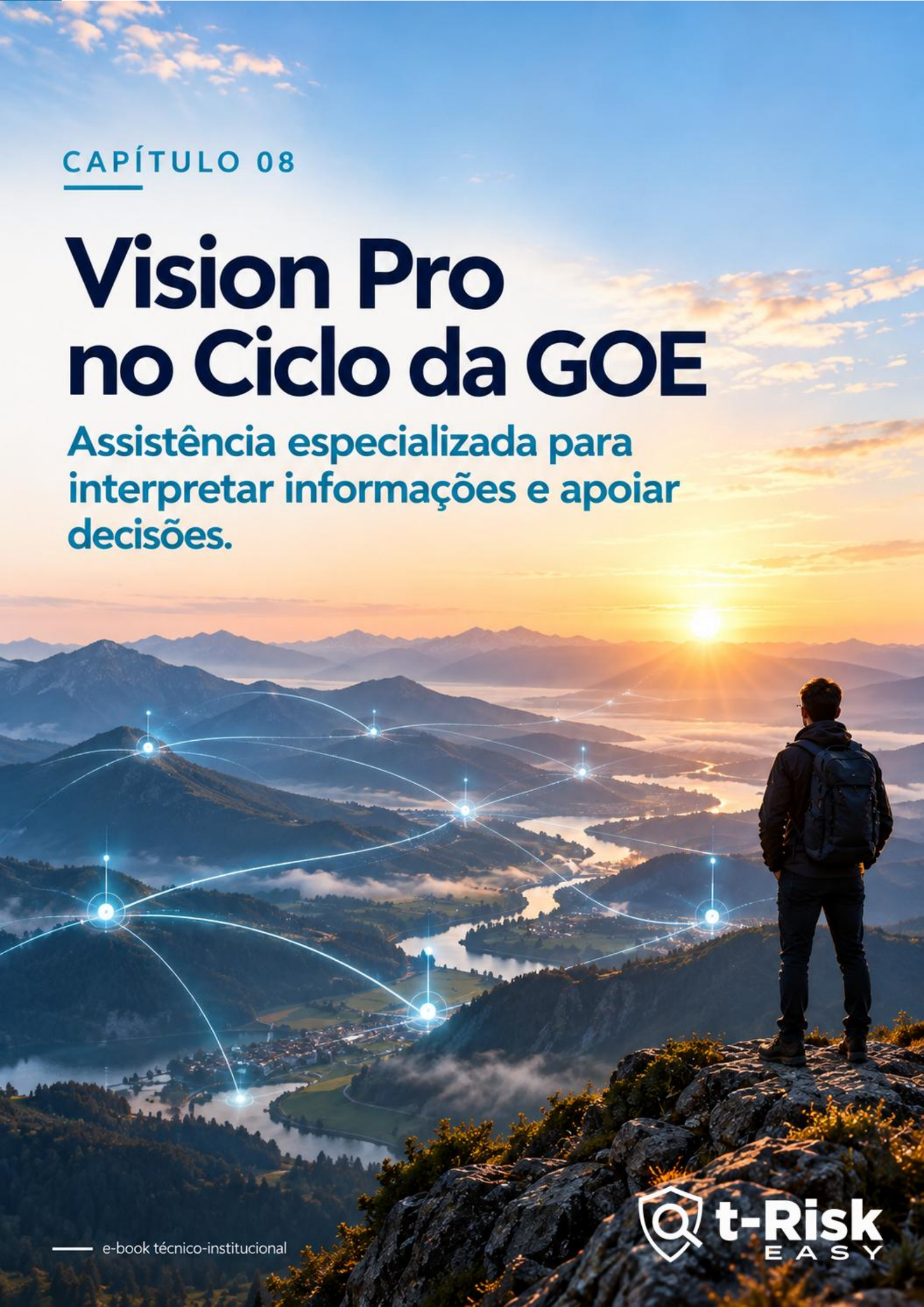
A **Vision Pro** integra essa proposta tecnológica como recurso de apoio à preparação das verificações, à interpretação das informações e à elaboração de análises, preservando o julgamento e a responsabilidade humana.

É esse papel específico da inteligência artificial — suas possibilidades, seus limites e as responsabilidades associadas à sua utilização — que examinaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 08

Vision Pro no Ciclo da GOE

Assistência especializada para interpretar informações e apoiar decisões.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 8 – Vision Pro no Ciclo da GOE

8.1. Vision Pro: inteligência artificial a serviço do conhecimento e da decisão

A produção de evidências confiáveis representa um avanço importante para a gestão. Entretanto, à medida que as organizações ampliam suas atividades de verificação, cresce também o desafio de interpretar as informações acumuladas e transformá-las em conhecimento útil.

Inspeções, auditorias e controles operacionais podem produzir milhares de registros, distribuídos entre processos, equipes e unidades. A organização digital dessas informações facilita seu acesso, mas não elimina a necessidade de compreender o contexto em que foram produzidas, reconhecer suas limitações e distinguir fatos observados de interpretações.

É nesse cenário que a inteligência artificial pode contribuir para a **Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE)**.

Recursos de IA podem apoiar a elaboração de sínteses, a interpretação de informações e a identificação de situações que merecem atenção. Sua contribuição, entretanto, depende da qualidade das evidências disponíveis, dos critérios utilizados e da adequação do contexto considerado.

> *O valor da inteligência artificial na GOE está em ampliar a capacidade humana de compreender as evidências e utilizá-las para fundamentar decisões, não em substituir o julgamento profissional.*

Com essa orientação, a t-Risk desenvolveu a integração da **Vision Pro** à proposta tecnológica do t-Risk Easy.

A Vision Pro atua como recurso de assistência especializado no contexto das atividades de gestão e apoia diferentes momentos do ciclo operacional, desde a preparação das verificações até a interpretação dos resultados e a elaboração de análises gerenciais.

8.2. Uma inteligência artificial orientada pelo contexto da gestão

Uma resposta produzida por inteligência artificial pode ser clara, convincente e tecnicamente bem redigida sem estar suficientemente fundamentada nos fatos que deveria representar.

Na gestão operacional, essa possibilidade exige atenção especial.

A interpretação de uma não conformidade depende do requisito verificado, das condições observadas, dos controles envolvidos e das circunstâncias em que a atividade foi realizada.

Uma recomendação elaborada sem considerar essas informações pode ser inadequada, mesmo quando sua formulação parece plausível.

A proposta da Vision Pro é oferecer assistência relacionada ao contexto das atividades estruturadas no t-Risk Easy e aos fundamentos da GOE.

Nos fluxos em que essa integração está prevista, a IA pode utilizar informações disponibilizadas sobre checklists, critérios de verificação, registros e resultados para elaborar respostas contextualizadas.

Isso não significa que conheça integralmente a organização, tenha acesso irrestrito aos seus sistemas ou disponha de todas as informações necessárias para compreender determinada situação.

> *O alcance de cada análise depende das informações efetivamente disponibilizadas à IA, de sua qualidade e da pertinência do contexto considerado.*

Essa distinção também se aplica aos diferentes formatos de evidência.

Uma inspeção pode conter fotografias, gravações de voz, vídeos e documentos. Entretanto, a existência desses arquivos não significa, por si só, que a IA examine diretamente todos os seus conteúdos.

A capacidade de interpretar cada tipo de informação depende das funcionalidades efetivamente implementadas e dos dados disponibilizados ao recurso de análise.

Por isso, a assistência precisa distinguir fatos documentados, hipóteses, recomendações e conclusões validadas. A associação entre ocorrências, por exemplo, pode justificar uma investigação, mas não demonstra automaticamente uma relação de causa e efeito.

A especialização da ferramenta não elimina a necessidade de avaliação profissional. Sua finalidade é oferecer subsídios adicionais para que essa avaliação seja realizada com maior compreensão da realidade operacional.

8.3. Antes da operação: apoio à preparação das verificações

A contribuição da inteligência artificial pode começar antes da produção das evidências.

A qualidade de uma inspeção depende, entre outros fatores, da clareza das perguntas, da adequação dos critérios e da correta definição daquilo que precisa ser observado.

No ambiente de curadoria do t-Risk Easy, a Vision Pro oferece assistência à elaboração e à revisão de checklists.

A partir das orientações fornecidas pelos responsáveis, a IA pode auxiliar na organização de seções, na formulação de perguntas e na preparação de conteúdos que serão posteriormente avaliados.

Também pode sugerir associações entre perguntas, ameaças, vulnerabilidades e controles, quando pertinentes ao contexto da verificação.

Essas possibilidades favorecem a preparação dos instrumentos, mas não asseguram que as sugestões estejam tecnicamente corretas ou atendam aos requisitos aplicáveis.

Uma pergunta pode conter ambiguidades. Uma associação de risco pode não corresponder às condições reais. Um requisito normativo pode exigir interpretação especializada ou atualização.

Por essa razão, **o conteúdo produzido pela IA deve ser tratado como proposta sujeita à curadoria, e não como instrumento técnico automaticamente validado**.

No Easy, a revisão e a publicação dos checklists permanecem sob responsabilidade dos profissionais autorizados.

A tecnologia pode apoiar a preparação das verificações. A organização mantém a responsabilidade sobre os critérios que orientarão sua execução.

8.4. Durante a execução: orientação e clareza dos registros

A inteligência artificial também pode apoiar os profissionais que realizam verificações em campo.

Em algumas situações, o operador pode precisar compreender melhor o propósito de determinada pergunta. Em outras, pode encontrar dificuldades para descrever de maneira clara uma condição observada.

A assistência contextual da Vision Pro contribui nessas atividades, oferecendo orientações relacionadas às verificações e apoiando a revisão textual.

O aplicativo também contempla recursos de registro por voz e transcrição de áudio para texto editável.

Essas funcionalidades precisam ser diferenciadas.

> *A transcrição converte a fala em texto. A assistência por IA pode contribuir para melhorar a clareza e a organização desse texto. A confirmação de que o registro corresponde aos fatos observados permanece sob responsabilidade do profissional.*

O conteúdo transcrito pode apresentar palavras incorretas, omissões ou trechos incompletos, exigindo conferência e correção.

Da mesma forma, uma sugestão de redação não deve modificar o significado de uma constatação nem acrescentar informações que não tenham sido efetivamente observadas.

Melhorar a apresentação de um registro não significa modificar aquilo que ele demonstra.

Também é necessário considerar as condições técnicas de utilização desses recursos. A possibilidade de executar uma inspeção sem conexão não implica que todas as funções de assistência por IA estejam disponíveis nesse ambiente.

O objetivo é facilitar a atividade e contribuir para registros mais claros, sem criar uma aparência de confiabilidade superior àquela efetivamente sustentada pelas evidências.

8.5. Da evidência à análise: interpretação sem alterar os fatos

Uma das contribuições mais relevantes da Vision Pro está no apoio à interpretação das informações produzidas nas verificações.

O t-Risk Easy organiza respostas, não conformidades, registros complementares e resultados das inspeções. A assistência por IA pode utilizar as informações

disponibilizadas nos fluxos previstos para elaborar sínteses e destacar aspectos relevantes à leitura gerencial.

Os relatórios de inspeção oferecem recursos de síntese executiva que facilitam a compreensão dos resultados, das principais não conformidades e das situações que merecem atenção.

Entretanto, é necessário distinguir três atividades.

→ **Registrar um resultado:** significa apresentar aquilo que foi constatado segundo os critérios definidos.

→ **Interpretar um resultado:** significa examinar seu significado considerando o contexto e outras informações pertinentes.

→ **Demonstrar as causas de uma ocorrência:** exige evidências e procedimentos de investigação adequados à natureza do problema.

Uma análise produzida por IA não deve tratar essas atividades como equivalentes.

A mesma cautela se aplica aos indicadores.

O índice de conformidade, por exemplo, precisa ser interpretado considerando seus critérios de cálculo, os itens avaliados e a abrangência da inspeção.

Para preservar a consistência das análises, é importante que os valores numéricos sejam obtidos a partir de regras de cálculo definidas e verificáveis, cabendo à assistência por IA explicar e contextualizar os resultados disponibilizados.

Nesse arranjo, a IA não deve criar números, alterar denominadores ou apresentar estimativas como se fossem resultados efetivamente calculados.

No Painel GOE, a plataforma calcula indicadores com regras estruturadas e disponibiliza seus resultados à Vision Pro para interpretação, preservando a separação entre o cálculo dos valores e a análise assistida.

Uma síntese executiva responsável precisa permitir que o leitor compreenda o que os registros efetivamente demonstram, quais interpretações são possíveis e que aspectos ainda exigem esclarecimentos.

> *A finalidade da Vision Pro não é apenas tornar os relatórios mais elaborados, mas ampliar a utilidade das informações sem comprometer sua fidelidade às evidências disponíveis.*

8.6. Apoio à decisão: recomendações não são determinações

As evidências e análises produzidas podem apoiar a definição de providências diante de problemas identificados.

Uma não conformidade pode exigir correção imediata, investigação complementar, revisão de procedimentos, reforço de controles ou outras medidas compatíveis com sua natureza.

Nesse contexto, a Vision Pro pode auxiliar na organização de informações sobre a ocorrência e na elaboração de propostas de tratamento e planos de ação.

Entretanto, **uma sugestão da IA não representa uma decisão aprovada pela organização**.

A definição das medidas depende de fatores que podem ultrapassar as informações disponíveis em uma inspeção, como criticidade operacional, obrigações legais, riscos associados, recursos disponíveis e responsabilidades técnicas.

Também deve considerar a urgência da situação. Quando uma condição exige providência imediata de segurança, a utilização de recursos de IA não pode justificar o adiamento de medidas necessárias.

As propostas precisam ser avaliadas pelos profissionais competentes, que permanecem responsáveis pela escolha das alternativas e pela definição das ações.

Após a implementação, o acompanhamento dos resultados permite avaliar se as providências produziram os efeitos esperados.

Uma recomendação tecnicamente plausível não constitui evidência de que será eficaz.

> *A IA pode contribuir para formular alternativas. A organização precisa avaliar, decidir, executar e verificar os resultados.*



Figura 9 – Vision Pro no ciclo da GOE.

Essa distinção evita que sugestões automatizadas sejam confundidas com pareceres conclusivos, autorizações ou determinações emitidas por profissionais habilitados.

8.7. Inteligência artificial e memória organizacional

A Vision Pro também apresenta uma relação importante com o conceito de **Segundo Cérebro Organizacional**, desenvolvido no Capítulo 4.

A construção dessa capacidade depende da preservação de registros, análises, decisões e aprendizados que possam ser recuperados e utilizados em situações futuras.

Recursos de inteligência artificial podem apoiar o aproveitamento desse conhecimento, facilitando a elaboração de sínteses e a interpretação das informações disponibilizadas.

Entretanto, a Vision Pro não se confunde com o próprio Segundo Cérebro Organizacional.

A memória operacional depende de critérios de curadoria, preservação do contexto, qualidade dos registros e mecanismos de recuperação do conhecimento.

Sem essas condições, a existência de recursos de IA não garante que a organização consiga aproveitar suas experiências anteriores.

Também é necessário distinguir dois significados frequentemente associados à expressão *aprendizagem contínua*.

> *Na GOE, aprendizagem contínua significa que a organização utiliza os conhecimentos produzidos por suas atividades para aperfeiçoar processos, controles e decisões.*

Isso não implica que a inteligência artificial seja automaticamente treinada com cada inspeção realizada, incorpore permanentemente todas as informações dos clientes ou desenvolva, por conta própria, uma memória integral das operações.

O treinamento de modelos de IA e a aprendizagem organizacional são processos distintos, com requisitos técnicos e responsabilidades de governança próprios.

A tecnologia pode apoiar a utilização do conhecimento. A capacidade de aprender com a experiência permanece vinculada à organização e às pessoas que a integram.

8.8. Governança, proteção das informações e supervisão humana

A utilização de inteligência artificial em atividades operacionais exige cuidados proporcionais à sensibilidade das informações e às consequências de seu uso.

Registros de inspeções podem envolver dados pessoais, imagens de colaboradores, gravações de voz, informações sobre instalações, vulnerabilidades e condições de segurança.

Seu tratamento por sistemas de IA exige finalidades definidas, critérios de necessidade, controles de acesso, medidas de proteção e observância dos requisitos legais e organizacionais aplicáveis.

Essas responsabilidades não se limitam à proteção dos dados.

Também abrangem a qualidade das informações utilizadas, a confiabilidade das análises e a definição das pessoas responsáveis por avaliar as recomendações.

A inteligência artificial pode produzir respostas incompletas, associações indevidas ou conclusões que ultrapassem aquilo que as evidências permitem sustentar.

Por isso, conforme a criticidade do uso, é importante preservar a rastreabilidade das informações utilizadas, estabelecer critérios de validação e documentar as decisões efetivamente adotadas.

Os resultados assistidos por IA precisam ser compreendidos segundo sua natureza: orientações, propostas ou análises de apoio, sujeitas à revisão necessária antes de sua utilização.

O uso da Vision Pro também não comprova, isoladamente, conformidade com normas de gestão, requisitos regulatórios ou legislação de proteção de dados.

> *A utilização responsável da IA na GOE exige evidências confiáveis, supervisão adequada e atribuição clara de responsabilidades pelas decisões.*

8.9. O valor da IA está no conhecimento que ajuda a aproveitar

A inteligência artificial amplia as possibilidades de organizar e interpretar informações, mas sua contribuição não deve ser avaliada apenas pela velocidade de elaboração de textos ou pela quantidade de análises produzidas.

O benefício relevante está na possibilidade de oferecer subsídios acessíveis, contextualizados e suficientemente fundamentados para quem precisa compreender a operação e tomar decisões.

É nessa perspectiva que a Vision Pro integra a proposta tecnológica da GOE.

A metodologia estabelece a lógica de produção e utilização do conhecimento. O t-Risk Easy apoia a execução das atividades e a organização das evidências. A Vision Pro contribui para a preparação de conteúdos e a interpretação das informações disponibilizadas.

Essa combinação permite aproximar o conhecimento produzido diariamente nas operações dos processos gerenciais e estratégicos, desde que os registros sejam confiáveis e suas análises sejam adequadamente avaliadas.

> *O verdadeiro valor da inteligência artificial na GOE não está em decidir pela organização, mas em ajudá-la a compreender melhor sua realidade para fundamentar as decisões que toma.*

Quando evidências confiáveis, gestão do conhecimento, tecnologia e responsabilidade humana atuam de maneira integrada, criam-se melhores condições para que a experiência acumulada seja efetivamente utilizada no aperfeiçoamento da gestão.

É essa convergência que orienta o último capítulo deste artigo: **como desenvolver uma organização que aprende continuamente com sua própria operação e utiliza esse conhecimento para evoluir.**

CAPÍTULO 09

A Organização que Aprende com a Operação

Conhecimento circulando entre quem executa, analisa e decide.



e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

Capítulo 9 – A Organização que aprende com a Operação

9.1. Uma organização que aprende com sua própria operação

Toda organização estabelece objetivos, desenvolve estratégias e mobiliza recursos para alcançar os resultados pretendidos.

Entretanto, é na execução cotidiana dos processos que essas intenções encontram a realidade.

As estratégias se concretizam por meio de processos que atravessam áreas, funções e estruturas hierárquicas. Esses processos dependem de inúmeras atividades realizadas por profissionais que observam diretamente as condições em que a organização funciona.

Durante essa execução, surgem situações nem sempre previstas no planejamento. Controles podem se mostrar insuficientes, procedimentos podem exigir aperfeiçoamentos e soluções desenvolvidas pelas equipes podem revelar oportunidades anteriormente desconhecidas.

Essas experiências constituem uma fonte relevante de conhecimento, mas seu aproveitamento não acontece automaticamente.

> *Uma organização que aprende com sua própria operação desenvolve a capacidade de transformar experiências e evidências produzidas diariamente em conhecimento compartilhável, decisões fundamentadas e melhorias cujos resultados possam ser acompanhados e avaliados.*

Essa é a transformação que orienta a Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE), modelo de gestão concebido pela t-Risk.

9.2. Quando a operação passa a contribuir para a estratégia

Uma das dificuldades enfrentadas pelas organizações é compreender por que os resultados alcançados nem sempre correspondem aos objetivos estabelecidos.

Em avaliações periódicas, gestores e executivos analisam indicadores, discutem desvios e consideram a necessidade de revisar processos ou estratégias.

Entretanto, nem sempre dispõem de informações suficientes para relacionar os resultados consolidados às condições concretas em que as atividades foram executadas.

A GOE procura reduzir essa distância ao favorecer um fluxo estruturado de informações entre os níveis operacionais e decisórios.

Os objetivos organizacionais orientam processos, responsabilidades e controles. Esses elementos se desdobram em atividades cotidianas, nas quais os profissionais observam condições, identificam problemas e produzem registros que podem constituir evidências relevantes.

Quando essas evidências são contextualizadas e analisadas, podem contribuir para compreender desvios, avaliar controles e investigar fatores relacionados aos resultados.

Isso não significa que seja possível explicar automaticamente o desempenho estratégico a partir de registros operacionais isolados. Relações causais exigem investigações e análises compatíveis com a complexidade dos processos envolvidos.

Também é necessário reconhecer que as evidências representam aquilo que foi observado e registrado segundo determinados critérios. Nem sempre oferecem uma visão completa da operação. A ausência de ocorrências registradas, por exemplo, não demonstra necessariamente a ausência de problemas ou riscos.

Ainda assim, informações confiáveis produzidas próximas da realidade operacional oferecem elementos adicionais para formular hipóteses, reconhecer limitações e avaliar alternativas.

> *A estratégia passa a contar com uma fonte permanente de aprendizagem: a experiência acumulada pelos processos e pelas pessoas responsáveis por executá-la.*

Essa conexão funciona em duas direções.

Da estratégia para a operação, são definidos objetivos, critérios, responsabilidades e controles.

Da operação para a estratégia, retornam evidências e conhecimentos que podem contribuir para avaliar resultados, revisar prioridades e aperfeiçoar decisões.

O planejamento e a execução passam, assim, a integrar uma dinâmica contínua de avaliação e aprendizagem.

9.3. Aprender significa transformar conhecimento em mudança

Acumular registros, produzir relatórios e identificar problemas não significa, necessariamente, que uma organização esteja aprendendo.

O aprendizado organizacional adquire valor para a gestão quando o conhecimento produzido influencia decisões, modifica práticas e permite avaliar seus resultados.

Uma não conformidade pode exigir correção imediata. Sua análise posterior pode revelar a necessidade de aperfeiçoar um controle. A implementação da medida precisa, então, ser acompanhada para verificar se as condições foram modificadas e se os resultados esperados foram alcançados.

Esses momentos são distintos.

> *Identificar um problema não equivale a compreender suas causas. Decidir sobre uma providência não significa implementá-la. E implementar uma medida não comprova, por si só, sua efetividade.*

A aprendizagem organizacional exige atenção a todo esse percurso.

Também pode ocorrer quando uma solução desenvolvida por determinada equipe é avaliada e, quando pertinente, aproveitada em outras unidades.

Da mesma forma, ações que não produziram os resultados pretendidos podem gerar conhecimentos relevantes, desde que suas limitações sejam compreendidas e consideradas nas decisões seguintes.

Uma organização que aprende não é necessariamente aquela que registra menos problemas.

É aquela que desenvolve melhores condições para identificá-los, compreender sua relevância, investigar possíveis causas, implementar providências e avaliar resultados.

> *O conhecimento organizacional produz maior valor quando deixa de servir apenas à compreensão do passado e passa a orientar mudanças cuja efetividade possa ser verificada.*

Essa perspectiva preserva o papel da experiência humana. A interpretação das evidências, o reconhecimento de particularidades e a avaliação das alternativas continuam exigindo julgamento profissional.

9.4. A cultura de evidências começa pelas pessoas e pela liderança

A consolidação de uma gestão orientada por evidências depende de mais do que instrumentos tecnológicos.

Depende de como a organização valoriza as observações de seus profissionais e utiliza as informações produzidas durante as atividades.

Quando os registros são percebidos apenas como exigências burocráticas, as equipes podem concentrar seus esforços no cumprimento formal dos procedimentos, sem compreender sua finalidade gerencial.

Uma cultura excessivamente preocupada em demonstrar conformidade também pode desestimular o relato de problemas e favorecer registros incompletos ou pouco representativos da realidade.

Por isso, a qualidade das evidências depende tanto de critérios técnicos quanto de condições organizacionais que favoreçam a transparência, a integridade dos registros e a comunicação responsável de desvios.

A liderança desempenha um papel decisivo nesse processo.

Cabe aos gestores demonstrar, por meio de suas decisões, que as evidências são utilizadas para compreender a realidade, estabelecer prioridades e promover aperfeiçoamentos.

Isso exige examinar informações com senso crítico, reconhecer suas limitações, acompanhar providências e comunicar às equipes os resultados das avaliações.
Esse retorno é especialmente importante.

Quando um profissional registra uma situação relevante, a organização não deveria encerrar o processo apenas com o recebimento da informação. Sempre que pertinente, as decisões decorrentes e os conhecimentos produzidos precisam retornar às equipes, permitindo que compreendam o resultado de sua contribuição.

> *A aprendizagem organizacional se fortalece quando o conhecimento circula entre quem executa, quem analisa e quem decide — e quando as decisões retornam à operação na forma de orientações, ações e melhorias.*



Figura 10 – Organização que aprende com a operação.

É assim que uma cultura orientada por evidências pode deixar de representar apenas uma exigência de controle e passar a integrar a maneira como a organização é administrada.

9.5. Uma transformação que pode começar de forma gradual

A adoção da GOE não exige que todos os processos sejam transformados simultaneamente.

O documento fundador propõe uma implantação gradual, respeitando o contexto, os riscos, as prioridades e o nível de maturidade de cada organização.

O ponto de partida pode ser um processo crítico, uma unidade operacional ou uma atividade que já dependa de verificações recorrentes.

Nesse ambiente, a organização pode revisar requisitos e controles, estruturar instrumentos de coleta, estabelecer critérios de evidência e preparar os profissionais envolvidos.

Um projeto piloto permite avaliar a clareza das perguntas, a confiabilidade dos registros e a utilidade das informações produzidas para a gestão.

O aprendizado dessa experiência pode orientar ajustes e a expansão gradual para outras unidades e processos.

Entretanto, a evolução não deve ser medida apenas pelo aumento do número de checklists publicados ou de inspeções realizadas.

É necessário verificar se as evidências estão contribuindo para compreender problemas, fundamentar decisões e acompanhar melhorias.

> *A GOE não se consolida quando os instrumentos de verificação começam a funcionar. Ela se consolida progressivamente quando os conhecimentos produzidos passam a influenciar as decisões e os processos da organização.*

Sua implantação, portanto, não se encerra com a adoção de uma tecnologia. Representa um compromisso permanente com o aperfeiçoamento da gestão.

9.6. Evidências e conhecimento como patrimônio organizacional

As organizações reconhecem o valor de seus recursos financeiros, instalações, equipamentos, tecnologias, pessoas e conhecimentos especializados.

Entretanto, nem sempre atribuem a mesma importância às evidências produzidas diariamente sobre o funcionamento de seus processos.

Uma inspeção registra condições observadas. Uma auditoria pode identificar fragilidades. Um plano de ação documenta providências. A avaliação posterior de seus resultados contribui para compreender o que mudou e o que ainda precisa ser aperfeiçoado.

Quando esses elementos permanecem dispersos, parte de sua utilidade fica limitada às situações em que foram produzidos.

Quando são preservados, contextualizados, relacionados e utilizados de maneira estruturada, podem constituir um **patrimônio estratégico de evidências e conhecimento organizacional**.

Esse patrimônio não corresponde simplesmente ao volume de informações armazenadas, nem implica necessariamente seu reconhecimento como ativo contábil.

Seu valor depende da confiabilidade dos registros, da preservação de seu contexto, da atualização das informações e da possibilidade de recuperar conhecimentos relevantes para avaliações futuras.

É nessa perspectiva que a GOE se conecta ao conceito de **Segundo Cérebro Organizacional**: uma capacidade institucional de preservar e utilizar a memória das operações como apoio à gestão.

O t-Risk Easy e a Vision Pro apoiam diferentes momentos desse processo, respectivamente na operacionalização da GOE e na assistência à interpretação das informações.

Entretanto, nenhuma tecnologia constitui, isoladamente, esse patrimônio ou garante seu aproveitamento.

A transformação de registros em conhecimento útil continua dependendo de curadoria, governança, análise crítica e utilização efetiva pela organização.

9.7. Uma perspectiva complementar sobre a maturidade operacional

A maturidade dos processos costuma ser avaliada considerando procedimentos estabelecidos, responsabilidades definidas, controles implementados e mecanismos de acompanhamento.

Esses aspectos permanecem fundamentais.

A GOE acrescenta uma perspectiva complementar: **a capacidade de utilizar evidências produzidas na execução dos processos para compreender a realidade, orientar decisões e promover aprendizagem contínua**.

Uma organização pode possuir procedimentos estruturados e, ainda assim, enfrentar dificuldades para compreender por que determinados problemas persistem.

Também pode produzir grande quantidade de informações sem conseguir relacioná-las às decisões que precisa tomar.

Por isso, o desenvolvimento da maturidade operacional não deve ser associado exclusivamente à existência de controles, à quantidade de registros ou ao grau de digitalização das atividades.

Importa também a capacidade de selecionar evidências relevantes, reconhecer suas limitações, realizar análises consistentes e avaliar os resultados das decisões implementadas.

Essa perspectiva está sintetizada no princípio orientador da GOE:

> *"A maturidade operacional de uma organização é diretamente proporcional à sua capacidade de transformar evidências em decisões e decisões em melhoria contínua".*

— Princípio da Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE).

O enunciado expressa uma orientação conceitual sobre a relação entre aprendizagem e maturidade operacional, não uma proporcionalidade matemática demonstrada.
Sua mensagem central é que o aperfeiçoamento da gestão depende também da capacidade de compreender a própria experiência e utilizar esse conhecimento para evoluir.



Figura 11 – Pirâmide de valor GOE.

9.8. O futuro da gestão começa na realidade de cada organização

A transformação digital continuará ampliando as possibilidades de coleta, organização e análise de informações.

A inteligência artificial poderá oferecer novos recursos de assistência à interpretação, enquanto tecnologias de automação continuarão modificando a execução dos processos.

Entretanto, nenhuma dessas possibilidades elimina uma necessidade fundamental: compreender corretamente aquilo que acontece na organização.

O valor da tecnologia depende da qualidade das informações utilizadas, da pertinência das análises e da capacidade das pessoas de transformá-las em decisões responsáveis.

A Gestão Operacional Orientada por Evidências foi concebida para fortalecer justamente essa conexão.

Não pretende substituir metodologias consolidadas, mas complementar sua aplicação prática, aproximando planejamento, execução, evidências, conhecimento e melhoria contínua.

Seu fundamento está em reconhecer que as atividades cotidianas não representam apenas o esforço necessário para executar uma estratégia.

> *Elas também produzem experiências e evidências que podem contribuir para compreender os resultados alcançados e aperfeiçoar os processos responsáveis por produzi-los.*

Essa mudança de perspectiva permite reconhecer o trabalho operacional como fonte permanente de conhecimento para a gestão.

A organização passa a contar com melhores condições para examinar não apenas os resultados que alcançou, mas também os processos, as circunstâncias e as decisões que podem ter contribuído para esses resultados.

O conhecimento deixa de ser apenas uma consequência da experiência e passa a constituir um recurso que pode ser preservado, compartilhado e sistematicamente utilizado para orientar decisões.

Essa é a essência da GOE: desenvolver a capacidade institucional de aprender com aquilo que a própria organização faz, utilizar esse aprendizado para aperfeiçoar seus processos e avaliar os resultados das mudanças implementadas.
Porque a evolução de uma organização não depende somente de quanto ela planeja, executa ou controla.

> *Depende também de quanto ela consegue aprender com sua própria operação — e de sua capacidade de transformar esse aprendizado em melhorias concretas.*

Síntese final

A Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) aproxima a estratégia da realidade observada nos processos. O t-Risk Easy estrutura as verificações, as evidências e o acompanhamento das ações; a Vision Pro amplia as possibilidades de assistência à interpretação dessas informações.

O valor dessa integração se concretiza quando a organização preserva o conhecimento produzido pelas pessoas, utiliza-o para fundamentar decisões e acompanha os resultados das medidas implementadas. Mais do que digitalizar procedimentos, a proposta é transformar a operação em fonte contínua de aprendizagem, com responsabilidade humana, governança e melhoria verificável.

Apêndice A – Leituras e referenciais recomendados para aprofundamento

A Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) dialoga com diferentes campos do conhecimento, especialmente gestão estratégica, gestão do conhecimento, aprendizagem organizacional, gestão baseada em evidências, gestão de riscos, qualidade, melhoria contínua e governança da inteligência artificial.

Para os leitores interessados em aprofundar esses temas, este apêndice reúne obras, normas internacionais e documentos institucionais que oferecem perspectivas conceituais, metodológicas e práticas relacionadas às reflexões desenvolvidas no artigo.

Esta seleção constitui uma indicação de leituras e fontes de consulta, não uma relação de obras necessariamente utilizadas ou citadas diretamente no artigo. Seu objetivo é favorecer o estudo, a verificação de conceitos, a ampliação do repertório profissional e a identificação de conexões entre abordagens consolidadas e os princípios apresentados pela GOE.

Os materiais estão organizados por afinidade temática, facilitando a consulta conforme o interesse do leitor.

A.1 – Origem e desenvolvimento do modelo GOE

A Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) é um modelo de gestão concebido e desenvolvido pela t-Risk para conectar objetivos estratégicos, processos e atividades operacionais a um ciclo contínuo de produção, contextualização e análise de evidências, construção de conhecimento organizacional, apoio à tomada de decisão e melhoria contínua.

Os documentos institucionais relacionados a seguir apresentam a concepção da GOE, seus princípios, sua estrutura operacional e sua aplicação tecnológica por meio do t-Risk Easy.

T-RISK. *Documento fundamental de criação do Modelo de Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE).* [S. l.]: t-Risk, 2026. Documento institucional.

T-RISK. *Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE): documento executivo.* Versão 0.3. [S. l.]: t-Risk, 2026. Documento institucional.

T-RISK. *Manual do usuário do App: guia do operador de campo — do acesso à geração de evidências, conclusão e relatório executivo.* Versão 3.0 final. [S. l.]: t-Risk, 2026. Documentação técnica.

T-RISK. *Manual do usuário da Mesa de Operações: guia do gestor — conduzir a curadoria, organizar checklists, tratar não conformidades e transformar evidências em decisões.* Versão 3.0 final. [S. l.]: t-Risk, 2026. Documentação técnica.

Os documentos integram o acervo institucional da t-Risk e sua consulta pode depender de disponibilização ou autorização da empresa.

A.2 – Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional

O conhecimento organizacional não se limita ao armazenamento de documentos ou informações. Envolve experiências, competências, interpretações, práticas e mecanismos que permitem preservar, compartilhar e aproveitar aquilo que os profissionais e as organizações aprendem.

As obras a seguir oferecem perspectivas relevantes para compreender a transformação de experiências individuais e coletivas em conhecimento organizacional, bem como a importância de recuperar e reutilizar conhecimentos na orientação de ações futuras.

ARGYRIS, Chris; SCHÖN, Donald A. *Organizational learning: a theory of action perspective.* Reading, MA: Addison-Wesley, 1978.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. *The knowledge-creating company: how Japanese companies create the dynamics of innovation.* New York: Oxford University Press, 1995.

POLANYI, Michael. *The tacit dimension.* Chicago: University of Chicago Press, 2009. Reedição da obra originalmente publicada em 1966.

FORTE, Tiago. *Building a second brain: a proven method to organize your digital life and unlock your creative potential.* New York: Atria Books, 2022.

A obra de Tiago Forte é particularmente relevante para compreender a inspiração analógica utilizada no artigo na expressão **Segundo Cérebro Organizacional**.

No contexto da GOE, essa expressão representa uma capacidade institucional de organizar, preservar, relacionar, recuperar e reutilizar conhecimentos operacionais. Não se confunde com a reprodução literal de um método individual de produtividade, nem pressupõe a existência de um sistema tecnológico que aprende autonomamente.

A.3 – Gestão baseada em evidências e melhoria contínua

A utilização responsável de evidências na gestão requer critérios de qualidade, contextualização, interpretação e reconhecimento das limitações das informações disponíveis.

A melhoria contínua, por sua vez, pressupõe a capacidade de observar resultados, identificar oportunidades, implementar intervenções e avaliar seus efeitos.

As publicações seguintes oferecem diferentes perspectivas sobre a qualidade das decisões, o aprendizado gerencial e o aperfeiçoamento dos processos organizacionais.

BRINER, Rob B.; DENYER, David; ROUSSEAU, Denise M. Evidence-based management: concept cleanup time? *Academy of Management Perspectives*, v. 23, n. 4, p. 19–32, 2009. DOI: https://doi.org/10.5465/amp.23.4.19.

DEMING, W. Edwards. *Out of the crisis.* Cambridge, MA: MIT Press, 2018. Reedição.

Essas leituras contribuem para aprofundar a compreensão das relações entre evidências, julgamento profissional, análise crítica, processos de gestão e melhoria contínua, aspectos que também integram a proposta conceitual da GOE.

A.4 – Normas internacionais de gestão, riscos, qualidade e auditoria

Diversas normas internacionais estabelecem princípios, requisitos e diretrizes para estruturar sistemas de gestão, avaliar processos, gerenciar riscos, verificar conformidade e promover melhoria contínua.

Embora possuam objetivos e campos de aplicação próprios, esses referenciais apresentam pontos de diálogo com a GOE, especialmente na integração entre planejamento, execução, produção de evidências, avaliação de desempenho e aperfeiçoamento organizacional.

Para aprofundamento, recomendam-se:

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). *ISO 9001:2026: Quality management systems — Requirements.* Geneva: ISO, 2026.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). *ISO 19011:2026: Guidelines for auditing management systems.* Geneva: ISO, 2026.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). *ISO 22301:2019: Security and resilience — Business continuity management systems — Requirements.* Geneva: ISO, 2019.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). *ISO 30401:2018: Knowledge management systems — Requirements.* Geneva: ISO, 2018.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). *ISO 31000:2018: Risk management — Guidelines.* Geneva: ISO, 2018.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). *ISO 45001:2018: Occupational health and safety management systems — Requirements with guidance for use.* Geneva: ISO, 2018.

A ISO 30401 merece atenção por tratar especificamente de sistemas de gestão do conhecimento. A ISO 31000 contribui para compreender a relação entre riscos, objetivos e decisões. A ISO 9001 e a ISO 19011 oferecem referenciais associados à gestão por processos, à avaliação, à auditoria e à melhoria contínua.

As demais normas ampliam as possibilidades de aprofundamento em áreas específicas, como continuidade de negócios e saúde e segurança ocupacional.

Nota de consulta: *as edições indicadas correspondem às publicações verificadas em outubro de 2026. Algumas normas possuem emendas posteriores à sua publicação, que devem ser consideradas conforme sua aplicabilidade. Recomenda-se consultar os catálogos oficiais da ISO para verificar edições, emendas e revisões. O acesso integral a determinadas publicações pode depender de aquisição ou disponibilidade institucional.*

A.5 – Governança e utilização responsável da inteligência artificial

A inteligência artificial pode ampliar a capacidade de organizar informações, identificar padrões, apoiar análises e estruturar subsídios para a tomada de decisão.

Sua utilização organizacional, entretanto, exige governança, definição de responsabilidades, avaliação de riscos, supervisão humana e critérios de confiabilidade.

Para aprofundamento desses temas, recomendam-se:

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO); INTERNATIONAL ELECTROTECHNICAL COMMISSION (IEC). *ISO/IEC 42001:2023: Information technology — Artificial intelligence — Management system.* Geneva: ISO, 2023.

TABASSI, Elham. *Artificial Intelligence Risk Management Framework (AI RMF 1.0).* Gaithersburg, MD: National Institute of Standards and Technology, 2023. NIST AI 100-1. DOI: https://doi.org/10.6028/NIST.AI.100-1.

Esses documentos permitem aprofundar conhecimentos sobre governança e gestão de riscos associados ao desenvolvimento e à utilização de sistemas de inteligência artificial.

No contexto da GOE, esse aprofundamento é relevante para compreender o papel da Vision Pro como tecnologia de assistência à preparação de verificações e à análise e interpretação de informações, preservando o julgamento profissional e a responsabilidade humana pelas decisões.

A.6 – Considerações finais sobre os referenciais

As leituras e os referenciais reunidos neste apêndice oferecem diferentes caminhos de aprofundamento sobre a relação entre estratégia, operação, evidências, conhecimento, decisões e melhoria contínua.

A Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) constitui um modelo de gestão desenvolvido pela t-Risk. Seu relacionamento com teorias, abordagens e normas consolidadas deve ser compreendido como diálogo conceitual e complementaridade, não como reprodução integral, derivação direta ou validação científica automática por essas fontes.

A indicação de normas e referenciais internacionais também não implica certificação, homologação, conformidade integral ou reconhecimento formal da GOE, do t-Risk Easy ou da Vision Pro pelos respectivos organismos.

O propósito desta seleção é incentivar o estudo crítico e a ampliação do conhecimento, reconhecendo que a evolução da gestão depende tanto da qualidade das informações e das evidências quanto da capacidade humana e institucional de interpretá-las, transformá-las em decisões e aprender com os resultados.

Esse aprofundamento representa uma continuidade natural da reflexão central do artigo: **transformar a experiência operacional em conhecimento que contribua para decisões mais fundamentadas, melhorias verificáveis e maior capacidade das organizações de alcançar seus objetivos.**

Softwares t-Risk

Conheça todos os módulos e ferramentas da Plataforma Total Risk.



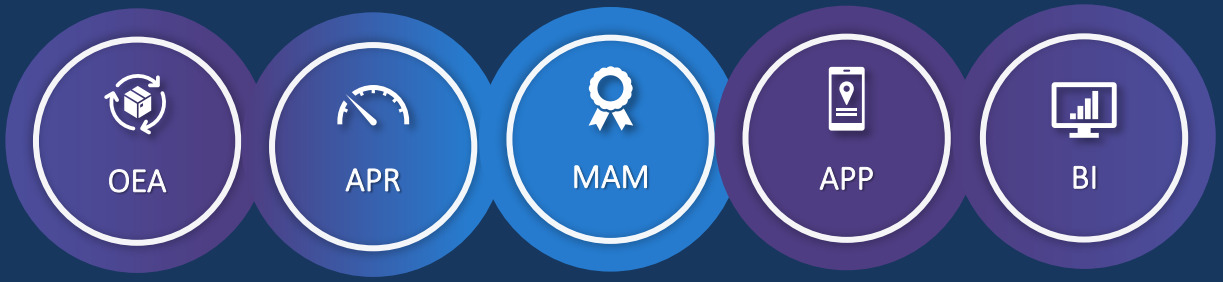
Módulo Gestão de Riscos Corporativos
Gestão de riscos integrados e estratégicos.

IA Vision Pro Inteligência Artificial
Criada para potencializar a gestão de riscos.

t-Risk Academy
Conhecimento aplicado para evoluir a gestão de riscos da sua organização.

Módulo Background Check
Due Diligence Digital para gestão de riscos de terceiros.

Módulo AVSEC Aeroportos
Gestão de riscos de segurança da aviação civil (Security).



Módulo Operador Econômico Autorizado
Gerenciamento dos riscos logísticos - OEA.

Módulo Análise Preliminar de Riscos
Análise prévia e operacional dos riscos.

Módulo Avaliação de Maturidade
Análise do nível de maturidade organizacional em gestão de riscos.

Aplicativo Avaliação de Riscos
APP mobile completo para identificação de riscos.

Power BI Painel de Indicadores (Dashboard)
Monitore resultados em tempo real.


TURBINE SUAS
ANÁLISES DE RISCOS
COM A
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
DA T-RISK!
A IA da t-Risk transforma dados em insights estratégicos para decisões mais rápidas, assertivas e seguras.
ANÁLISES AVANÇADAS
DECISÕES ESTRATÉGICAS
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
Acesse agora mesmo e confira mais essa novidade.
CLIQUE AQUI

A Gestão Operacional Orientada por Evidências (GOE) é um modelo de gestão desenvolvido para conectar estratégia, processos e operação por meio da produção, contextualização e análise de evidências.

Ao longo deste e-book, o leitor encontrará os fundamentos conceituais da GOE, sua relação com a gestão do conhecimento, o Segundo Cérebro Organizacional, a melhoria contínua, o apoio à tomada de decisão e o papel do t-Risk Easy e da Vision Pro como instrumentos de aplicação desse modelo.

Mais do que registrar atividades, a proposta é transformar a experiência operacional em conhecimento confiável, decisões mais fundamentadas e melhorias verificáveis.

Estratégia conectada à operação

Evidências transformadas em conhecimento

Decisões apoiadas por contexto e análise

e-book técnico-institucional

t-Risk EASY

t-Risk

Método de Avaliação de Riscos

www.totalrisk.com.br

2026